

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICAS**

**FILIPO CARPI GIRÃO**

**A ITALIANIDADE COMO POTENCIALIDADE  
SOCIOPOLÍTICA NA FESTA DA POLENTA EM VENDA  
NOVA DO IMIGRANTE  
(1979-2014)**

Vitória  
2015

**FILIPO CARPI GIRÃO**

**A ITALIANIDADE COMO POTENCIALIDADE  
SOCIOPOLÍTICA NA FESTA DA POLENTA EM VENDA  
NOVA DO IMIGRANTE  
(1979-2014)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Dadalto  
Co-orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Beneduzi

Vitória  
2015

**FILIPO CARPI GIRÃO**

**A ITALIANIDADE COMO POTENCIALIDADE  
SOCIOPOLÍTICA NA FESTA DA POLENTA EM VENDA  
NOVA DO IMIGRANTE  
(1979-2014)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História na área História Social das Relações Políticas.

Aprovada em: 09 de Julho de 2015

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Dadalto (Orientadora)  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr. Luís Fernando Beneduzi (Co-orientador)  
Università Ca' Foscari di Venezia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Sebastião Pimentel Franco (Examinador Interno)  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luiza Horn Iotti (Examinadora Externa)  
Universidade de Caxias do Sul

Dedico esta dissertação, em especial, a meus pais que proporcionaram um ambiente rico de estudos e cultura. Também, com todo afeto, destino à *famiglia* Carpi e seus historiadores, *que si mangia e si parla della storia della vita*.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à orientadora, Professora Doutora Maria Cristina Dadalto, pelos anos que caminhamos juntos, que já se estendem desde a graduação, nos tempos de iniciação científica. Penso que esse tempo de trabalho, em prol do conhecimento, me fez pensar além dos muros de nossa universidade.

Um segundo agradecimento, especial, vai para o, também, orientador e difusor de uma história contemporânea, Professor Doutor Luís Fernando Beneduzi, que contribuiu para a minha formação, possibilitando os mais atuais e melhores diálogos que o Estudo da História pode proporcionar - sempre conversando com as nostalgias familiares perdidas, no passado, e que se expressam na escolha de uma pesquisa cativante.

Cabe dizer da honra de ter recebido o aporte da Professora Doutora Maria Laetitia Corrêa, como revisora e viabilizadora da realização deste sonho. Esse ideal surgiu da sementinha plantada quando, ainda criança, ouvia o que vinha a ser, não só a universidade, mas a França. Bom, o trabalho foi para o leste um pouquinho, mas suas lições ficaram na memória, agora, exercida e materializada.

Agradeço ao Professor Doutor Sebastião Pimentel Franco, que cooperou de forma valorosa para a realização deste trabalho. Sem dúvida, acrescentou muito à pesquisa com o seu saber, no que tange a pesquisar, no universo da academia, a História do Espírito Santo, muitas vezes, carente de atenção.

À professora Syrléa Marques Pereira que por meio de suas pesquisas e inovações na forma de investigar o tema da “imigração” elucidou um caminho bastante fértil de possibilidades de pesquisa, tanto para o presente, quanto para o futuro. Sou muito grato pelas trocas de experiências dos nossos encontros, *una buona ricerca* a cada conversa, mesmo que fosseno corredor das universidades.

À professora, Doutora Patrícia Pavese, por toda ajuda, com indicações teóricas bastante significativas para a dissertação, mediando um diálogo entre as Ciências Sociais e a História.

Sou, também, eternamente grato à Gilcéia Fardim Vitorazzi, que com uma fala contundente, “é simples assim”, proporcionou uma amizade que transcende a

necessidade da busca da História como disciplina. É, certamente, uma amiga que contagia a todos com a sua simpatia e desenvoltura, principalmente, relatando os acontecimentos da vida diária, *símplice una amica per tutta la vita*.

Estendo meu agradecimento ao Gruppo di Ballo Granello Gialo, pelas horas e dias, dedicadas a apresentar o seu valoroso trabalho, não apenas em dias de Festa, mas em outras datas em que o resgate da tradição é regado a polenta, vinho, dores e História.

Ainda, destaco a delicadeza, as informações e os acessos encontrados na AFEPOL e seus “voluntários”, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho.

Gratidão e reverência são os sentimentos que devo a uma pessoa muito importante na realização deste projeto que, no passado, ajudou a construir uma trajetória, mostrando as primeiras possibilidades de edificar um pensamento mais maduro, o eterno professor Abdulah (Davidson Nicchio dos Santos). Enfim, não sei agradecer em árabe, mas este trabalho traduz os sinceros agradecimentos à pessoa que me mostrou a riqueza da profissão que hoje exerço.

*Merci a vous Darcilia!* Não posso deixar de lhe retribuir os conhecimentos, não só da língua francesa, mas, também, sobre o mundo, sobre as origens de um povo, além do que somos, em relação à sociedade, *merci, une parole, merci Darcilia!*

Agradeço à minha família, pai e mãe, não sei nem por onde começar, mas vamos tentar. Minha mãe: incentivadora e educadora. São muitos os adjetivos que poderia atribuí-la. No entanto, no momento, só tenho a dizer que me inspiro todos os dias em sua perseverança e cuidado com tudo o que faz na vida. Meu pai, digo em duas línguas, *merci a vous, grazie mille*, porque aprendi a respeitar as pequenas Histórias e trajetórias, como um burrico que carrega os sentimentos de toda uma vida, o verdadeiro sentimento de quem, por algum motivo, se deslocou e criou raízes em um novo lugar, o desafio é uma marca inspiradora que ele carrega.

Agradecimentos, também, à FAPES - Fundação de Amparo a Pesquisa do Espírito Santo que contribuiu, significativamente, para esta pesquisa.

Agradeço, ainda, aos professores e colegas de mestrado e laboratório que proporcionaram crescimento intelectual e acadêmico.

Sou grato, igualmente, a todos os entrevistados por sua hospitalidade, histórias,

polentas e comidinhas que teceram os fios desta investigação Histórica.

*Grato a tutti quelli che mi hanno ispirato a fare fare un nuovo studio.*

## FESTA DELLA POLENTA

Autor: Alvaro Manzoni  
 Interpretazione: Irmãos Manzoni – Ragazzi Dei Monti

*Quando il granello è giallo andremo a lavorar  
 Per fare la polenta e la mescola girar  
 Farina, acqua calda e sale per smissiar  
 È fatta la polenta per la festa scominciar.*

*Festa della polenta, (cia cia pun cia cia pun)  
 Cultura, tradizione, (cia cia pun cia cia pun)  
 Tante recordazione, (cia cia pun cia cia pun)  
 Una pignata granda di felicità.*

*Vino rosso o bianco per celebrar  
 Formaio con polenta, polenta per mangiar  
 Un può di nostalgia per la storia ricordar  
 La festa della polenta de qua del mar.*

*Festa della polenta, (cia cia pun cia cia pun)  
 Cultura, tradizione, (cia cia pun cia cia pun)  
 Tante recordazione, (cia cia pun cia cia pun)  
 Una pignata granda di felicità.*

*Cantare bisogniamo per ringraziar  
 Il nonno e la nonna, la mamma e el pappà  
 Saremo più felici vogliamo festegiar  
 Che bella la polenta, più bona per mangiar*

*Festa della polenta, (cia cia pun cia cia pun)  
 Cultura, tradizione, (cia cia pun cia cia pun)  
 Tante recordazione, (cia cia pun cia cia pun)  
 Una pignata granda di felicità.*



## RESUMO

Este trabalho versa sobre os descendentes e não descendentes de italianos envolvidos na montagem e organização da Festa da Polenta, em Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Analisa uma parte da população da cidade e um grupo de participantes, na organização do evento, com idade, entre 18 e 35 anos, de modo a estabelecer um recorte definido dos atores históricos considerados. Para enriquecimento da pesquisa foi efetivado um trabalho de coleta de dados pelo modelo de pesquisa participante articulado à metodologia da história oral. Deste modo, foram realizadas, 10 (dez), entrevistas com termo de livre consentimento, durante o período da ocorrência e preparativos da festa, por 10 dias, em outubro de 2013. Buscou-se analisar a Festa da Polenta como lugar de memória. O estudo teceu-se como uma contribuição às pesquisas realizadas pelo Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas, vinculada à linha de pesquisa Estado e Políticas Públicas, alicerçado pelo Laboratório de Estudos do Movimento Migratório, visando discutir como a italianidade é construída e continuada, em Venda Nova do Imigrante.

**Palavras-chaves:** Imigração; Festa da Polenta; Memória; Italianidade.

## **ABSTRACT**

This work focuses on the descendents of italians or not, involved at the assembly and organization of the 'Festa da Polenta' (Polenta's festival), in the city of Venda Nova do Imigrante, state of Espírito Santo, Brazil. It analyses a part of the city's population and a group of participants at the event's organization, aging between 18 and 35 years old, in order to establish a definite profile of the considered historical actors. In this perspective, the data collection task was performed following the model of participant observation in conjunction with the oral history methodology . 10 interviews were conducted with the term of consent at the periods of preparation and during the festival – ten days in October 2013. It analyses of the 'Festa da Polenta' (Polenta's festival) as a memory place. This work was done as a contribution to the research performed by post-graduation Program in History Social of Political Relations, associated with the State and Public Policies line of research, supported by the Laboratory of Studies in Migratory Movements, aiming to discuss how the italianity is built and continued in Venda Nova do Imigrante.

**Keywords:** Immigration; Polenta's Festival; Memory; Italianity.

## **RIASSUNTO**

Questo lavoro parla dei discendenti e non di origini italiane coinvolte nel montaggio e l'organizzazione della Sagra della Polenta, Vendita nuovi immigrati, Spirito Santo. Analizza parte della popolazione della città e un gruppo di partecipanti nell'organizzazione di questo evento, di età compresa tra 18 e 35, al fine di stabilire un taglio definito degli attori storici considerati. Da questo punto di vista, è stata effettuata una lavoro di raccolta dei dati da parte del modello di ricerca partecipante articolata metodologia della storia orale. 10 interviste sono state condotte con termine consenso durante il periodo di insorgenza e di partito preparativi - 10 giorni nel mese di ottobre 2013. L'obiettivo era quello di analizzare la festa della polenta come un luogo della memoria. Questo lavoro è stato tessuto come un contributo alla ricerca condotta da laureato in Storia Sociale delle Politiche programma Affari, legato alla linea di ricerca dello Stato e Politiche Pubbliche, con sede presso il Laboratorio di Migratory movimento, al fine di discutere di come l'identità italiana è costruita e continua in Venda Nova do Imigrante.

**Parole chiave:** Immigrazione; Festa della Polenta; Memoria; Identità italiana.

## LISTA DE FOTOS

Fotografia 1 – Deslocamento.....	31
Fotografia 2 – Distanciamentos.....	38
Fotografia 3 – Amadeo Venturin.....	39
Fotografia 4 – Angelo Altoè.....	40
Fotografia 5 – Construção da Escola.....	41
Fotografia 6 – Mapa atual do município.....	42
Fotografia 7 – Abertura BR 262.....	43
Fotografia 8 – Tombo da Polenta.....	63
Fotografia 9 – Casa da Nonna.....	68
Fotografia 10 – Paiol do Nonno.....	69
Fotografia 11 – Uma Tonelada.....	70
Fotografia 12 – A Participação política do ex-governador Renato Casagrande no corte da polenta.....	76
Fotografia 13 – Nonnas in lavoro.....	78
Fotografia 14 – Lavoro in famiglia.....	79
Fotografia 15 – Missa das 10:00 h.....	83
Fotografia 16 – Serenata Italiana.....	85
Fotografia 17 – Carretela.....	85
Fotografia 18 – Panelaço.....	86
Fotografia 19 – Circolo Trentino.....	86
Fotografia 20 – Carretela hoje com bois.....	88
Fotografia 21 – Carretela hoje com tratores.....	89



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>29</b>
<b>2 FESTA: MEMÓRIA E REINVENÇÃO</b> .....	<b>34</b>
2.1 A FESTA COMO LUGAR DE MEMÓRIA .....	36
<b>3 IMIGRAÇÃO E ITALIANOS EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE</b> .....	<b>41</b>
3.1 IMIGRAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO .....	46
3.2 VENDA NOVA DO IMIGRANTE .....	52
3.3 O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE .....	59
3.4 OS ITALIANOS .....	61
3.5 OS ITALIANOS NO ESPÍRITO SANTO .....	64
3.6 OS ITALIANOS EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE .....	66
<b>4 A FESTA DA POLENTA</b> .....	<b>68</b>
4.1 A ASSOCIAÇÃO E A MANUTENÇÃO DA FESTIVIDADE .....	70
4.2 OS PARTICIPANTES/AJUDANTES: A CIDADE E A POLENTA .....	75
4.3 LUGAR REAL E IMAGINÁRIO DA FESTA .....	83
4.4 IMAGINÁRIO E POLÍTICA NA FESTA .....	89
4.5 PRODUÇÃO ITALIANA: INVENÇÃO E REPRESENTAÇÃO .....	92
4.6 ALÉM DA TRADIÇÃO NA FESTA .....	99
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FESTA COMO ITALIANIDADE</b> .....	<b>105</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>115</b>
<b>7 BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A imigração<sup>1</sup> é um dos componentes formadores do arranjo populacional do Brasil, fenômeno que demanda uma atenção especial para seu estudo, tanto no passado, quanto na atualidade. As migrações têm desdobramentos relevantes, uma vez que os grupos migrantes, quando chegam, estabelecem relações entre a cultura e a política. Além disso, fundam e modificam as estruturas locais e, nesse aspecto, são fundamentais para a compreensão da História, nacional e regional.

Cabe ressaltar, em se tratando da História Regional do Estado do Espírito Santo, que uma trajetória importante de pesquisa consiste em apreciar o processo migratório. Considera-se, portanto, que o estado formou-se a partir de vários movimentos migratórios, ao longo da sua história. Assim, observa-se que são muitos os deslocamentos migrantes, mas foi a partir de políticas de incentivo à imigração, do governo brasileiro imperial/republicano, no século XIX, que o estado teve como foco de aglutinação de imigrantes às terras destinadas a esse fim, bem como o seu trabalho em fazendas já existentes.

Várias são as cidades, no Espírito Santo, destinadas a ocupação, à época, que sofreram a influência das culturas dos imigrantes e, hoje, são reconhecidas pela sua colonização. O município de Venda Nova do Imigrante, na região serrana sul, é uma delas. Cabe dizer que, além dos indígenas, o local já era tomado por portugueses açorianos, negros e alguns poloneses, e passou a ser ocupado, similarmente, por imigrantes oriundos da península itálica recém-unificada. Porém, esses que chegaram já haviam sido instalados ou direcionados, também, em outros lugares do estado em busca de melhores condições (ROCHA, 1984).

Nessa direção, Venda Nova do Imigrante é conhecida, no estado, tanto por ser uma região de imigração italiana, como pelas festividades, em torno das representações de sua ocupação. Nesse aspecto, o município inspira estudos que auxiliam no entendimento das migrações e da história das relações sociais e políticas.

Esse movimento migratório protagonizado pelo imigrante é tão enraizado na história

---

<sup>1</sup> Imigrante é a designação para quem deixa um território; migrante é o sujeito que se desloca dentro do território nacional, sem buscar o estrangeiro; e emigrante é aquele que deixa uma determinada região tomando como base o ponto de partida do indivíduo (TRENTO 1989).

do município que pode ser contado de diversas formas. Uma delas se dá por meio da festa: a Festa da Polenta. Esta propõe recontar o passado dos imigrantes, relembando as memórias, da Europa, e da vida, na terra em que chegaram, utilizando o alimento polenta como representação do passado, dos sentimentos e incertezas.

A Festa da Polenta é uma das expressões das diversas transformações da cidade. Tal tema foi escolhido como foco da pesquisa por representar fórum de discussão e evidenciação das mudanças que ocorreram, especialmente, nos últimos 36 anos. Esse, portanto, é o tempo de existência como um festejo da comunidade. Na festa, os *nonnos*<sup>2</sup> estavam imbuídos de contar uma história destinada à imprensa, e os jovens, voltados a contar a história pessoal e coletiva da imigração e do próprio evento. A Festa da Polenta é fonte de cultura e transformação sociopolítica, logo, constitui um rico manancial de pesquisa histórica do presente.

Esta pesquisa discorre sobre a cidade de Venda Nova do Imigrante e seus habitantes, em especial, os mais jovens. Ainda, como estes se relacionam com a Festa da Polenta, evento anual, do município. Pretende-se, analisar as formas e práticas de participação na articulação do processo que envolve a feitura da festa em todos os seus estágios. Para isso, tem-se um trabalho de coleta de dados pelo modelo de pesquisa participante (DEMO, 1999), articulado à metodologia da história oral. Ademais, é feito o acompanhamento da montagem da festa e levantamentos com os membros participantes respondendo ao seguinte questionamento: de que maneira a italianidade é construída e se mantém, sendo reinventada por meio da Festa da Polenta?

A dissertação apoia-se em depoimentos recolhidos, na semana de preparação, da Festa da Polenta, no ano de 2013, durante o acontecimento, e em visitas, posteriores, em 2014. Considerando a imigração e seus desdobramentos, convém abordar a temática de maneira mais ampliada, expondo o contexto nacional que tonifica as diversas conjunturas regionais. Nesse cenário, está inserido o Estado do Espírito Santo e, mais especificamente, o município de Venda Nova do Imigrante. Por conseguinte, analisa-se de quais maneiras a imigração contribuiu e refletiu na

---

<sup>2</sup>*Nonnos* e *nonnas* designam, em língua italiana, avós, tal como na língua portuguesa, mas tem na cultura italiana imigrante o sentido de pessoas mais velhas de uma comunidade, conservando as tradições e transmitindo-as a nova geração.



cultura presente na cidade, tendo como base a Festa da Polenta, realizando uma análise histórica. Tem-se como aporte a imigração por meio da oralidade, com os membros do grupo da Festa contando suas histórias pessoais, fazendo um *link*, entre passado e presente.

O trabalho apresenta-se como uma contribuição às pesquisas realizadas pelo Programa de Pós-graduação, em História das Relações Políticas, vinculado à linha de pesquisa Estado e Políticas Públicas, alicerçado pelo Laboratório de Estudos do Movimento Migratório. Destarte, objetiva discutir como a italianidade é construída e se mantém sendo reinventada em Venda Nova do Imigrante, por meio de festejos vários, no caso do estudo em pauta, a Festa da Polenta.

Trata-se, a Festa em questão, como um lugar de reinvenção da memória e tradição. Para tanto, foi utilizada Yates (2007), como suporte à história cultural; e Hobsbawm (1997), para detalhar os aspectos políticos e materiais envolvidos no processo de construção do festejo. Debate-se como a Festa da Polenta ganhou a função de reconstruir, representar um passado coletivo, contado pelos *nonnos*, e reinventado, pelos mais jovens.

Ainda, discorre a respeito da forma como as tradições são reinventadas, ao longo do tempo, pensando nas transformações de tal festejo e remetendo às modificações ocorridas com a imigração, desde a península Itálica, até os dias de hoje. Para isso, emprega-se um critério de recuperação da História, para entender os motivos que levam à recuperação desta, por meio da reinvenção das tradições (HOBBSAWM, 1997). Ou seja, aplica-se o critério de resignificação do passado feita por meio da memória. É uma construção do passado à luz do presente, que remodela o passado, no presente, com todos os elementos que o presente é capaz de fornecer. Assim, como o hoje, não possui os mesmos elementos; o ontem, é reelaborado a partir das recordações do momento; e o agora, se faz resignificado do passado mnemônico.

Nessa perspectiva, aliam-se algumas metodologias para se estudar a Festa da Polenta. Dentre elas, a história oral como instrumento para pesquisa de campo, no âmbito da história do presente. O trabalho estrutura-se em três capítulos que discutirão acerca da italianidade como lugar de memória, em torno da Festa da Polenta, tomando como base os depoimentos dos participantes do processo de construção do evento.

Pontua-se que, para a lide com a história oral, foi seguido o procedimento metodológico adotado por Meihy (2000). Este autor propõe fatiar o universo de pesquisa em categorias e proceder com entrevistas direcionadas, fazendo apenas as adequações quanto ao campo e ao tempo histórico, pensando neste como um exercício processual de longa duração. Já no sentido de categorizar quem é o nosso entrevistado, discute-se o procedimento de Alberti (2000). Pois, em se tratando da História do tempo presente, esta sugere um caráter seletivo, na medida em que se pretende estudar apenas os sujeitos envolvidos com a Festa da Polenta.

Para tal pesquisa, foram feitas, 5 (cinco), visitas à cidade, onde foi observada a Festa da Polenta. Também, foram colhidos, 10 (dez), depoimentos, em entrevistas, previamente marcadas e, também, posteriores, aos festejos, do ano de 2013. Ressalta-se que todas as entrevistas foram realizadas com o apoio de roteiro e termo de livre consentimento assinado, anteriormente, à gravação em áudio, pelos participantes dos depoimentos. Assim, foram obtidas entrevistas dos atores envolvidos, os quais são caracterizados da seguinte maneira: 6 (seis) homens, com idades entre 18 e 50 anos; e, 4 (quatro), mulheres, entre 18 e 30 anos; todos pertencentes à Associação da Festa da Polenta. Desse total, 9 (nove), eram participantes descendentes de italianos. Os participantes foram identificados por nomes fictícios.

Neste sentido, propõe-se analisar como a italianidade se faz presente para os atores historicamente envolvidos. Ainda, analisá-la como um procedimento de recordação da memória, conforme Yates (2007), quando se trata dos aspectos da história cultural por excelência. Em paralelo, e não menos importante, cuida-se da reinvenção das tradições, estudada por Hobsbawm (1997), e presente no objeto de estudo deste trabalho. A memória diz respeito à recordação, ao aspecto da construção teórica da história do presente, sendo representada pelas formulações do passado, a partir das interpretações do presente, elaboradas em lembranças, histórias, vivências, saberes e fazeres.

Torna-se necessário compreender que apropriar-se dessas recordações pela via da oralidade é tarefa que permite revisitar, o ontem, pelo hoje, e, desta forma, compreender que, o ontem é, para cada tempo, e por quem conta, modificado, reinventado. Entende-se que reinventar uma tradição seja um processo histórico que articula os entendimentos aos fazeres culturais, percebida na feitura do cotidiano.

Logo, a Festa da Polenta é exemplo de um *locus*, onde se pode buscar o passado de um grupo social, com elementos do presente, travestidos na Festa da Polenta.

Trabalha-se, conseqüentemente, a italianidade como um sentimento de redescoberta, do passado, e afirmação, no presente, comum a algumas pessoas da cidade que passaram a se sentir pertencentes a uma “comunidade italiana”. Esse sentimento ressalta aspectos importantes para o convívio social, político e cultural desses sujeitos. Nesse sentido, a hipótese apresentada é que a italianidade presente, na Festa da Polenta, é uma construção a partir das representações do que vem a ser o passado de transferência, da península Itálica, para o Brasil. Logo, esse passado fica exposto com características, do presente, no qual existe a reinvenção e remodelação, do passado, com base na memória coletiva do grupo que promove a Festa da Polenta.

## 2 FESTA: MEMÓRIA E REINVENÇÃO

O termo “festa” pode ser concebido como um conceito que recolhe aprendizados das várias ciências humanas, apresentando-se como uma cadeia de atividades relacionadas ao ser e fazer social, de um grupo de indivíduos. Nesse sentido, discute-se “festa” como uma relação de troca voluntária e intersocial, pensada de forma institucionalizada (Ferreti, 2012). Alguns autores trazem suas contribuições para o conceito de festa, destacam-se, adiante, alguns deles.

Festa, para Nobrega (2012), tem sentido de investimentos e movimentações financeiras, que trazem lucratividade para os diferentes setores econômicos, nos mesmos moldes da indústria cultural; interessando investidores, patrocinadores, governos, e diferentes cadeias produtivas - turismo, alimento, bebida e etc.

Segundo Perez (2002), a festa em uma comunidade é uma associação lúdica que intervém no ritmo da vida, que nem sempre significa alegria, pois envolve sentimentos variados. Perez constrói uma perspectiva sobre a festa como manifestação cultural e histórica, visualizando-a como mecanismo de reações, espaço de reunião de diferenças e momento de coesão social, lembranças e memórias.

Vovelle (1987) projeta a festa como um campo de observação da história, porque é o momento ou lugar histórico, em que um grupo social representa de modo simbólico a sua visão do mundo, e traduz, de forma quase material os seus pensamentos e anseios, tanto coletivos, quanto individuais.

Conforme Tinhorão (2012) entende-se que, no Brasil, as festividades, inicialmente, estiveram ligadas à igreja católica e ao ambiente da Corte, estendendo-se para os outros grupos formadores da sociedade brasileira. Ainda, entende festejar como um hábito que parte dos pátios da igreja e que toma uma dimensão muito maior e profana quando atinge a sociedade de um modo mais amplo.

Os grupos de imigrantes trouxeram consigo sua cultura, que levou a agregar festejos ao Brasil de maneira a representar aquilo que, acreditam ser a cultura, ou algum resgate do que deixaram para trás anteriormente. Desse modo, pensa-se nos festejos como uma celebração que não é, necessariamente, um momento de alegria, de exultação, mas de recriação da memória e da história.

O conceito de memória, segundo Ricoeur (2007), se fundamenta em duas fontes de tratado histórico: uma mais filosófica e outra mais política. Contudo, essas fontes se entrecruzam, formando um único conceito de memória; e que perpassa o conceito de Braudel (2009), no debate do tempo histórico, associado à memória. Nesse sentido, pode-se afirmar que a memória é uma arte, um fazer histórico de longo prazo, algo que se constrói por meio dos ensinamentos da história, tanto formal, quanto informal, de maneira a permitir que se crie uma zona de conhecimento, que varia do indivíduo para a coletividade.

Yates (2007) afirma que, o pessoal tende a se aproximar do coletivo, e não o contrário. Observe-se, no entanto, que toda memória é uma testemunha da história, uma vez que não reproduz o passado exatamente como ele era. Ela – a memória - consiste em um exercício da história, dos saberes e fazeres, das formas e dos viveres, tanto do presente, quanto do passado. Ainda, é capaz de formular teorias de saberes práticos, ou seja, a história exercida e fazeres teóricos, da história desejada.

A memória tem, dentro da sociedade, uma posição definida e praticada, na medida em que as sociedades exercitam a história oral. A memorização transmite os conhecimentos mais antigos, por meio da oralidade, que é anterior à escrita. Destaca-se que a história oral possui, em quase todos os casos em que é praticada, um conjunto de regras e formas culturais que são comuns e formam a estrutura de uma sociedade (RICOUER, 2007).

É importante mencionar que a memória pessoal é tudo o que o sujeito carrega como sua história, suas vivências e impressões sobre o presente, e o passado. Essas memórias que o tornam capaz de construir e elaborar a sua própria história, por meio daquilo que carrega como impressões pessoais a respeito de suas vivências e não vivências. Ou seja, o indivíduo é construído a partir daquilo que foi transmitido através de suas relações sociais.

Já como memória coletiva, a partir de Yates (2007), afirma-se que consiste em tudo aquilo que a pessoa aprendeu, e que se tornou parte de sua história, ao interagir com o grupo social de origem, de maneira restrita. Tem-se, como exemplo, a família, ou de maneira mais ampla, as interações dentro da sociedade de onde o sujeito procede. Salieta-se que lugares como as cidades conferem uma complexidade social maior, logo, tendem a ter uma memória coletiva muito mais intensa, devido a maior de interação entre as pessoas. Com isso, a memória contemporânea se faz de

maneira ampliada, abarcando o social, o histórico e o político, que se fazem mais presentes do que as tendências individuais.

Por fim, a memória é o fundamento de toda história, essencial à construção do indivíduo, dentro da sociedade. Nora (1993) esboça, como sendo um lugar não cristalino, que transcende a noção de memória como o fio condutor da política que molda uma sociedade.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica a memória não se acomoda a detalhes que confortam. (NORA, 1993, p.9).

Entende-se que a memória é a composição histórica de sujeitos, dentro do proposto como uma intenção histórica. A festa, nesse sentido, é um lugar de reinvenção no qual deve haver rastros para os historiadores e uma reconstrução do passado. Torna-se parte das memórias, na medida em que o passado e presente se cruzam.

## 2.1 A FESTA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Braudel (2009, p.221) afirma que a cidade é um desastre, e que a esse desastre, ela sobreviveu. O autor problematiza que ao fundar uma urbe se desarticulam todos os saberes e práticas primários da sociedade. Nesse sentido, um grupo social se constrói, na duração, e, nos lugares e rotinas estabelecidas, como um ponto de fusão, entre os saberes e fazeres, sociais e coletivos. Conforme observa Da Matta (1997), a festa consegue atribuir deslocamentos do curso da história, à construção que o tempo presente é capaz de fazer sobre a memória do passado.

A cidade, para Halbwachs (2009), assume um tempo social, ou seja, uma zona em que os acontecimentos tomam um caminho por meio da história. Nela, o tempo deixa de ser cronológico e assume o papel de determinante na memória coletiva, de maneira que os sujeitos se fixam como atores históricos, mesmo não atuando diretamente em algum evento. Cabe, nesse contexto, ressaltar que as memórias, coletiva e individual, se imbricam, conforme aponta Halbwachs (2009); e neste

sentido, de modo geral, verifica-se a memória individual, dentro das coletividades.

Desse modo, especificamente, em relação a Venda Nova do Imigrante, a memória coletiva se estabelece como organização social e política do grupo participante da Festa da Polenta. O pensamento comunitário dos descendentes de italianos pesquisados é conduzido por essa memória. Ainda, infere-se que são estabelecidos campos de determinação da memória coletiva, por meio do conjunto de memórias privadas.

Observa-se um círculo da sociedade que afiança a manutenção de uma vida, política e social, em nível local, na qual o passado é remontado por meio das tradições, hábitos e costumes, implementados pelos mais velhos, no caso, os *nonnos* e *nonnas*, descendentes de italianos. Assim, percebe-se a religação com a Festa da Polenta, tal qual afirmada por Perez (2002), com a história local, como ponte entre o passado e o presente. Ressalta-se, dessa maneira, que foi possível verificar, por meio do trabalho de observação em campo, práticas que são mantidas, e outras, que são transformadas, por meio da cultura, transmitidas por gerações, através das vivências cotidianas.

Ricoeur (2007) afirma que a função da cultura é obtida por meio da memória coletiva; são as recordações, do ontem, no hoje, em uma projeção. Segundo Halbwachs (2009), a cultura é quase material, porque dela deriva as práticas, do dia a dia, em função das lembranças individuais que perpassam pela coletiva. Afirma-se, desse modo, que a cultura é um dos aspectos de unidade do grupo social, no município em questão; mostrando como esta memória cultural torna-se notória, quando se fraciona, em parcelas, o conjunto social da cidade, que não é totalmente vinculado à matriz étnica italiana.

Infere-se que o tempo, passado e presente, na memória, tem papel importante na fixação nos modos de organizar o aparelho cultural coletivo dos envolvidos. Vê-se isso nas diversas esferas - privadas e coletivas -, dentro do alcance da cultura local, frente à macro cultura, brasileira e italiana. Torna-se, portanto, uma construção realizada a partir do aspecto tempo histórico, de longa duração.

Na Festa da Polenta o tempo histórico tem uma importância muito grande porque, cronologicamente, o festejo é, relativamente, recente, 36 anos. Contudo, seu objetivo é resgatar a tradição familiar, tal como era praticada pelos pioneiros vindos

da península Itálica, na terra de origem, e da forma como é entendida por seus realizadores. Nesse resgate, da tradição familiar, é que acontecem as mudanças, pois variam de acordo com a forma que descendentes entendem o passado imigratório. Para Yates (2007), promove-se uma leitura cultural, de tempo e espaço, diante das formas como são percebidos os modos de fazer da história. Segundo a autora é processada uma nova leitura, que se transforma através dos tempos, de maneira a valorar o passado, segundo as bases fundamentais do pensamento histórico.

Nesse sentido, ao afirmar que o sujeito é portador de memória, Ricoeur (2007) fornece elementos de uma instância histórica de autodeterminação da coletividade, dentro dos arcabouços do que vem a ser, para o estudo da história. Considera-se, assim, que a memória é um artifício de lembrança no sentido em que são mecanismos de representações dos saberes históricos do homem. Os processos que a conduzem são frutos de interligações, entre o passado, e o presente. É, portanto, algo artificial, como define Yates (2007).

Em se tratando festejo, tal qual a Festa da Polenta, deve-se fazer uso do termo “tradições inventadas” de Hobsbawm. Isso, porque se identificou um conjunto de atos sócio históricos acontecendo, ao mesmo tempo, sendo um evento de natureza prática ou simbólica.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceita; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWM, 1997, p.9).

O termo tradição inventada é uma intercessão, entre a história política e a memória exercida, consiste em um entendimento humano do que vem a ser a política em sua aplicação disciplinar. Pode-se afirmar que a tradição é a destronização de algo que já se encontra programado – ou seja, dentro das convenções.

Segundo Nora (1993), a memória e a tradição seriam, talvez, o início da história, as primeiras formatações sociais de um conjunto de ideias, práticas e saberes. Esse conjunto que torna uma sociedade particular, na medida em que consegue se tornar um ato total dentro da história. Nesse entendimento, pode-se afirmar que a memória



é algo plural, que vem de fontes diversas. Aponta-se que não é possível, por meio da memória, promover uma história integral, sendo esta individual e pertencente a um conjunto de pessoas que se associam por um determinado objetivo - social, político ou mesmo tácito, como afirma Hobsbawm (1997).

Assim, compreende-se que a festa é, consoante Hobsbawm (1997), uma recriação da tradição dos antepassados, considerando os novos modelos de organização políticos e econômicos. Os que dela participam se apresentam como verdadeiros artífices da memória, construindo a sua longevidade e justificando a manutenção da tradição por necessidades do presente. Sendo assim, a Festa, no que diz respeito à tradição, dar, receber e retribuir, por meio de um ou vários elementos festejados (alimentos, roupas, habitações, danças, cantigas, etc.), promove a ligação da comunidade com o passado, reafirma a identidade do grupo.

Concernente a isso, avalia-se que a História do Presente, entendida como memória (Ricouer, 2007), é o pensamento da narrativa histórica, dos fatos ou ações, promovido pelo ser humano. Segundo Braudel (2009 p. 15), há “uma decomposição da história em planos escalonados” que ainda não estão concluídos, traduzidos por transformações sociais que o tempo é capaz de produzir. Ou seja, um estudo minucioso, de um conjunto de fatos sociais, de um determinado local, é que pode revelar a História do presente. Ainda, mostrar um conceito de longa duração e, de transformação de amplitude, na sociedade.

No município de Venda Nova do Imigrante o bem público – a memória – é reorganizado por meio de festa, na medida em que se produz o caminho da montagem de um capital social, que indica a passagem para as organizações do presente. “Uma característica específica do capital social – confiança, normas e cadeias de relações sociais – é o fato de que ele normalmente constitui o bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é bem privado”. (PUTNAM, 1996 p.180).

Em tese, relembrar o passado, por meio da Festa da Polenta, permite que, os organizadores, que não viveram o período imigrantista, construam representações com base em recordações e lembranças coletivas apropriadas pelo domínio comum. Comprova-se, nisso, um dinamismo da história que, na junção entre o passado e o presente, mostra como os costumes em torno dos processos solidários continuam a existir, mesmo que condensados, em uma festa, e restritos à sua duração. Aponta-

se que, num contexto de marcas profundas, como o processo de imigração, é que a Festa da Polenta se insere: apresentando-se como demarcadora de temporalidade, para resgate de uma cultura, por parte de um grupo, do que outrora fez parte e foi a realidade dos imigrantes.

### 3 IMIGRAÇÃO E ITALIANOS EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Os estudos sobre imigração, no Brasil, e, no Espírito Santo, em geral, têm sido delimitados a partir da grande onda imigratória do Oitocentos (Rocha, 1984; Dadalto, 2009; Franzina, 2006). Contudo, é necessário ter claro que, desde a época da colonização, do país, existem registros da presença de diversas etnias aportando em solo brasileiro, a exemplo da pesquisa, de Sergio Buarque de Holanda (1969), que menciona a influência dos imigrantes, da península itálica, na fase inicial do desenvolvimento econômico brasileiro, ainda na época da Colônia.

No ano de 1843, as relações com as províncias que originaram a Itália foram estreitadas por meio do casamento do imperador brasileiro, D. Pedro II, com Maria Teresa Cristina, da casa de Bourbon, propiciando, nesse período, a vinda para o Brasil, de intelectuais, geógrafos, dentre outros, vindos da Península Itálica (Trento, 1988).

Salienta-se que foi num período de transformações de ordem política, cultural e social, em curso no país, que se desenhou a política imigratória brasileira. No Império brasileiro, no Oitocentos, que se estabeleceu a política de introduzir imigrantes europeus com o propósito de “branquear a raça” - o que aconteceu por meio do incentivo da vinda de alemães, suíços, poloneses, tirolezes, pomeranos, e, em especial, italianos. Essa política aconteceu numa investida para reduzir a participação dos negros na sociedade brasileira, (Rocha, 1984), e numa tentativa de substituir a mão de obra escrava pela branca assalariada ou camponesa oriunda da Europa.

Em 1890, o País contava com leis de cunho segregacionista, que restringiam a vinda de determinados estrangeiros, conforme se constata no Decreto de 528 de 1890, que dispunha ser inteiramente livre a entrada de trabalhadores, exceção feita aos orientais, que possuíam quotas de entrada e assim escrita no ato de promulgação.

“Declara livres todos os escravos vindos de fôra do Imperio, e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos.

A Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os Subditos do Imperio, que a Assembléa Geral Decretou, e Ella Sancionou a Lei seguinte:

Art. 1º Todos os escravos, que entrarem no territorio ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres. Exceptuam-se:

1º Os escravos matriculados no serviço de embarcações pertencentes a paiz, onde a escravidão é permittida, enquanto empregados no serviço das mesmas embarcações.

2º Os que fugirem do territorio, ou embarcação estrangeira, os quaes serão entregues aos senhores que os reclamarem, e reexportados para fóra do Brazil.

Para os casos da excepção nº 1º, na visita da entrada se lavrará termo do numero dos escravos, com as declarações necessarias para verificar a identidade dos mesmos, e fiscalisar-se na visita da sahida se a embarcação leva aquelles, com que entrou. Os escravos, que forem achados depois da sahida da embarcação, serão apprehendidos, e retidos até serem reexportados.

Art. 2º Os importadores de escravos no Brazil incorrerão na pena corporal do artigo cento e setenta e nove do Codigo Criminal, imposta aos que reduzem á escravidão pessoas livres, e na multa de duzentos mil réis por cabeça de cada um dos escravos importados, além de pagarem as despezas da reexportação para qualquer parte da Africa; reexportação, que o Governo fará effectiva com a maior possivel brevidade, contrastando com as autoridades africanas para lhes darem um asylo. Os infractores responderão cada um por si, e por todos.

Art. 3º São importadores:

1º O Commandante, mestre, ou contramestre.

2º O que scientemente deu, ou recebeu o frete, ou por qualquer outro titulo a embarcação destinada para o commercio de escravos.

3º Todos os interessados na negociação, e todos os que scientemente forneceram fundos, ou por qualquer motivo deram ajuda, a favor, auxiliando o desembarque, ou consentindo-o nas suas terras.

4º Os que scientemente comprarem, como escravos, os que são declarados livres no art. 1º; estes porém só ficam obrigados subsidiariamente ás despezas da reexportação, sujeitos, com tudo, ás outras penas.

Art. 4º Sendo apprehendida fóra dos portos do Brazil pelas forças nacionaes alguma embarcação fazendo o commercio de escravos, proceder-se-ha segundo a disposição dos arts. 2º e 3º como se a apprehensão fosse dentro do Imperio.

Art. 5º Todo aquelle, que der noticia, fornecer os meios de se apprehender qualquer numero de pessoas importadas como escravos, ou sem ter precedido denuncia ou mandado judicial, fizer qualquer apprehensão desta natureza, ou que perante o Juiz de Paz, ou qualquer autoridade local, der noticia do desembarque de pessoas livres, como escravos, por tal maneira que sejam apprehendidos, receberá da Fazenda Publica a quantia de trinta mil réis por pessoa apprehendida.

Art. 6º O Commandante, Officiaes, e marinheiros de embarcação, que fizer a apprehensão, de que faz menção o art. 4º, têm direito ao producto da multa, fazendo-se a partilha, segundo o regimento da marinha para a divisão das presas.

. Art. 7º Não será permitido a qualquer homem liberto, que não fôr brasileiro, desembarcar nos portos do Brazil debaixo de qualquer motivo que seja. O que desembarcar será immediatamente reexportado.

Art. 8º O Commandante, mestre, e contramestre, que trouxerem as pessoas mencionadas no artigo antecedente, incorrerão na multa de cem mil réis por cada uma pessoa, e farão as despesas de sua reexportação. O denunciante receberá da Fazenda Publica a quantia de trinta mil réis por pessoa.

Art. 9º O producto das multas impostas em virtude desta lei, depois de deduzidos os premios concedidos nos art. 5º e 8º, e mais despesas que possa fazer a Fazenda Publica, será applicada para as casas de Expostos da Provincia respectiva; e quando não haja taes casas para os hospitaes.

Manda portanto a todas as Autoridades, a que o conhecimento, e execução da referida lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir, e guardar tão inteiramente, como nella se contém. O Secretario de Estado dos Negocios da Justiça a faça imprimir, publicar, e correr.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro aos sete dias do mez de Novembro de mil oitocentos trinta e um, decimo da Independencia e do Imperio

FRANCISCO DE LIMA E SILVA.

JOSÉ DA COSTA CARVALHO.

JOÃO BRAULIO MONIZ.

Diogo Antonio Feijó.

Carta de Lei, pela qual Vossa Magestade Imperial Manda executar o Decreto da Assembléa Geral, que Houve por bem Sancionar, declarando que todos os escravos, que entrarem no territorio, ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficarão livres, com as excepções nella declaradas, e impondo penas aos importadores dos ditos escravos, tudo na fórmula acima declarada.

Para Vossa Magestade Imperial, ver.

Antonio Alvares de Miranda Varejão, a fez.

Diogo Antonio Feijó.

Foi publicada e sellada na Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça em 15 de Novembro de 1831. - João Carneiro de Campos.

Registrada nesta Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça no L. 1º de Leis a fl. 98 em 15 de Novembro de 1831. - Thomaz José Tinoco de Almeida. (CÂMARA DOS DEPUTADOS)

Com essa política, entre 1877-1930, cerca de, 4 milhões, de estrangeiros ancoraram, no Brasil. (Baraldi, 2014).

Nesse processo, do Oitocentos, observa-se: por um lado, a Europa que, desde os seus primórdios, vive em constante mudança, na busca por terras e vivendo conflitos políticos - tendo a busca de ascensão social como impulsora do deslocamento

humano, suscitando a necessidade de busca por outras terras; por outro lado, tem-se o Brasil mergulhado em uma política de “branqueamento” da população, e de substituição gradativa da mão de obra escrava, em fins do Império brasileiro e começo da República com a implementação da Lei Glicério<sup>3</sup>.

Para o Governo Imperial do Brasil dois fatores se destacavam, no objetivo de atrair imigrantes europeus: o populacional, provocado pela escassa densidade populacional do país; e o econômico, causado pela necessidade de introdução de mão de obra livre, diante da Abolição da Escravidão, em 1888. A Europa, por sua vez, passava por um período no qual se presenciavam enormes diferenças sociais, no que diz respeito às condições de sobrevivência, fazendo com que parte da população, buscasse o êxodo para outros lugares, objetivando uma melhoria de vida. O cenário mostrava que as terras eram escassas e mal distribuídas e, essas poucas que havia, eram de baixa produtividade, alimentando ainda mais o fluxo migratório em direção, à América Latina, e, ao Brasil (Franzina, 2006); direcionando tais objetivos, havia o propósito ideológico, já mencionado, de “branqueamento” da população.

Delimita-se, esta pesquisa, a partir do tempo presente, ou seja, o tempo da Festa da Polenta, uma vez que, o passado é o reconstruído, no espaço do festejo, lugar fundante para construção de memória mnemônica dos descendentes de italianos. O estudo remonta a “grande migração italiana” realizada, para o Brasil, entre os anos, de 1870 e 1920, que marcou a história e, ao mesmo tempo, a construção do mito deste movimento migratório. Esse mito é que elabora a identidade de italianos “nobres” desbravadores de uma terra desconhecida - como se não houvesse nem os ameríndios, nem os habitantes de origem portuguesa e africana. Nessa perspectiva, de pioneirismo, é que se construíram as bases, históricas e míticas, da fixação dos imigrantes italianos, como primeiros habitantes de vários locais, no Brasil (Cenni, 2003).

O Brasil, para milhares de italianos, era considerado um lugar de concretizações, o eldorado, divulgado nas aldeias por agentes contratados pelo governo brasileiro, e descrito, em cartas, a parentes e amigos, demarcando a rota da viagem. A propaganda governamental era favorecida pelas vantagens que promoveram uma

---

<sup>3</sup> O decreto lei de 1871 foi denominado Lei Glicério em homenagem ao seu propositor Francisco Glicério de Cerqueira Leite.

diáspora de habitantes, do Vêneto, e, de outras regiões (Trento, 1988)<sup>4</sup>. A recente unificação e as políticas locais para garantir a unidade política, somadas aos problemas da pobreza extrema, em toda a Europa, em especial, no norte, levaram, a Itália, a ter um contingente, que deixou a nação, estimado, em 5 (cinco) milhões de pessoas. Estes imigrantes se dirigiram aos Estados Unidos e à América Latina, principalmente, para o Brasil, onde se instalaram cerca de, 2 (dois) milhões de italianos (Cenni, 2003) - aproximadamente, metade de todos os estrangeiros que, segundo Baraldi (2014), ingressaram, no país, nesse período, como já mencionado.

No entanto, ressalta-se que, apesar das diversas etnias, que na década de 1810, para aqui vieram, o Brasil vivenciou contato mais estreito com as provenientes da península itálica, a partir de 1826. Isso aconteceu, portanto, logo após o estabelecimento da corte real portuguesa, no Brasil, em 1808, o que desencadeou profundas modificações de toda ordem, na medida em que o país passou a ser a sede da coroa. Uma dessas mudanças foi a preocupação e a efetivação de políticas visando o processo de adensamento populacional do interior do Brasil, via migração.

Conforme Franzina (2006), no Brasil, os italianos se dispersaram pelo território, indo trabalhar como meeiros, ou fundando colônias, ocupando os mais variados estados, desde o norte, até o sul do país. Destaca-se, nesse processo, os seguintes estados: São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (Fotografia 1). Em muitas localidades, deslocaram-se, em seguida, do campo, para os centros urbanos, então existentes, vindo a se constituir em mão obra. Entrementes, nos diferentes lugares construíram processos distintos de assalariamento, de ocupação da terra e de produção de italianidades.

---

<sup>4</sup> Vêneto é o nome dado à região em que está localizada a cidade de Veneza. Trivêneto é como a região ampliada do Vêneto que abarca localidades rurais do norte da Itália, em especial a cidade de Trento e Friulli.



FOTOGRAFIA 1 – Deslocamento  
 Fonte: [essaseoutras.xpg.uol.com.br](http://essaseoutras.xpg.uol.com.br)

### 3.1 IMIGRAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO

Nesse quadro de deslocamento humano chegaram ao Estado do Espírito Santo, segundo Rocha (1984), 40.000 (quarenta mil), imigrantes italianos. Franceschetto (2014 p. 109) destaca um total de, 36.666 (trinta e seis mil, seiscentos e sessenta e seis), cidadãos italianos<sup>5</sup>, sendo, 34.925 (trinta e quatro mil, novecentos e vinte cinco), no século XIX, e, 1.633 (um mil, seiscentos e trinta e três), no século XX. Desses,

48,5% destinaram-se ao sul capixaba, (do rio Itabapoana aos afluentes do Benevente); 33,8% para o centro, (dos afluentes do Jucu ao rio Doce) e 5,7% para o norte do Estado, às margens do rio São Mateus. Vitória e arredores foi o destino de 9,4% do total de italianos. Outros 2,6% destinaram-se à construção das estradas ferroviárias (FRANCESCHETTO, 2014 p. 110).

A imigração de italianos ocorreu, em levas, especialmente, entre, 1847 a 1896, formando as colônias italianas do estado e mantendo o Espírito Santo alinhado às

<sup>5</sup> A diferença no somatório deve-se as divergências nos registros de base para o cálculo da imigração.



políticas do Império Brasileiro, quanto ao recebimento de estrangeiros, não oriundos do continente africano. Segundo Rocha (1984), a imigração não trouxe, inicialmente, substituição da mão de obra; mas o decreto imperial, que trouxe uma diferenciação, qual seja, a manutenção do trabalho escravo, em paralelo, a implantação da mão de obra europeia, em colônias e fazendas. No sentido de que a imigração se constitui como mais um mecanismo de diferenciação da forma de trabalho, os imigrantes chegaram, ao Estado, com maior ênfase, após 1874.

A política imperial que privilegiava a lavoura paulista, na década de 1870, retirou os benefícios concedidos aos imigrantes encaminhados a núcleos coloniais, obrigando o Espírito Santo a estruturar uma política imigrantista local. O decreto presidencial, de 4 de junho de 1892, colocava o estado, à disposição dos imigrantes agricultores. A divisão e medição dos terrenos se dava, em lotes, de 25 hectares, cada um (APEES, 1895). Todavia, após o fim da escravidão, se alterou, no estado, o objetivo da imigração: de colonização das terras, no início, para a substituição da mão de obra escrava nas grandes fazendas de café.

Com a implantação dessa política, puderam ser criados os núcleos coloniais, que passaram a receber, principalmente, imigrantes italianos, vindos do norte, do Trivêneto (Trento, Vêneto e Friuli). Assim, o primeiro grupo de italianos a vir, para o Espírito Santo, era composto por, 386 (trezentos e oitenta e seis) trentinos<sup>6</sup>. Esse grupo chegou em, 19 de fevereiro de 1874, dando início à criação de quatro importantes colônias: Santa Isabel, Rio Novo, Santa Leopoldina e Castelo.

No processo de assentamento dos italianos, no Espírito Santo, observou-se a fixação nas localidades de Rio Novo, Castelo, Conceição do Castelo, Santa Teresa, Santa Leopoldina e Aracruz - todas por meio de colônias designadas pelo governo ou por terceiros de forma privada. O assentamento diferenciado desses imigrantes ocorreu do seguinte modo: houve aqueles que se estabeleceram em maior número, no sul, do Espírito Santo; e, posteriormente, deslocaram-se em direção à região serrana, no final, do século XIX, ocupando lugares onde hoje são os municípios de Castelo e Venda Nova do Imigrante.

O historiador Luiz Busatto (2002) delimita o processo de imigração italiana, no

---

<sup>6</sup> Ressalta-se que apesar dos trentinos serem contabilizados como imigrantes italianos este território (Austriaco) só foi incorporado a Itália no final da primeira guerra mundial, havendo uma identificação provincial e não nacional sob o nome da nação italiana.

Espírito Santo, em duas etapas: uma, de 1874 a 1882; e a outra, no início de 1875, ambas com características bem específicas. Nessa delimitação do autor, a primeira etapa é assinalada pela fundação e emancipação de núcleos, nas colônias, em regiões próximas aos centros de comercialização, e pela chegada, em blocos, de italianos. Eles vinham, em levadas unitárias de carregamento, e eram acomodados, em um núcleo, como aconteceu com os que foram instalados, em Timbuí (Santa Teresa), e, em Santa Cruz (Ibiraçu).

Nesse passo, quanto às etapas do processo de imigração italiana, cabe sobrelevar que a Lei de, 28 de setembro de 1885, reativou o movimento colonizador que, até então, era inexpressivo, em termos de quantidade numérica de imigrantes, proporcionando, a partir do início de 1889, a retomada da imigração. Assim, na segunda etapa do processo de migração italiana, de 1885-1895, os imigrantes passaram a vir em grandes legiões, eram repartidos pelos novos núcleos em contingentes menores e levados para lugares bem mais distantes dos centros comerciais (BUSATTO, 2002).

No contexto, a Província, e, depois, o Estado do Espírito Santo, vivenciava de maneira ativa as políticas imigratórias nacionais. Tornou-se, à vista disso, participativo, nesse quadro de recepção dos imigrantes, para empregá-los conforme as diretrizes determinadas pelo governo nacional – inicialmente, o imperial e, posteriormente, seguindo as mesmas proposituras, o republicano. Porém, o estado, não apresentava as mesmas condições do Província/Estado, do centro-sul, do Brasil, para desempenhar e acolher as políticas do governo central. Dadalto (2009, p.69) destaca que

O processo de desenvolvimento socioeconômico do Espírito Santo à época da imigração nem sequer se avizinhava da modernização já vivenciada na Itália ou que, em território brasileiro, já se instalava no centro-sul do País e que atraía o capital estrangeiro. Justifica-se: durante todo o período colonial, a província foi uma capitania marginalizada pelo governo imperial, cujos dois povoados principais, Vitória e Vila Velha, sobreviviam da exploração da agricultura de subsistência em reduzidas quantidades.

As epopeias que contam a chegada dos imigrantes, da Península Itálica, no Espírito Santo, estão bastante atreladas à condição de vivência na qual os imigrantes foram submetidos, no Província/Estado. Desde os primeiros assentamentos, até a marcha pelo interior - em busca de novas terras -, e levando em consideração os povos que, aqui, já habitavam, gerou-se um clima de tensão em torno das relações

governamentais locais e os imigrantes.

A primeira lei orgânica, datada de, 19 de janeiro de 1867, e seus sucessivos decretos publicados, em 1876, 1890, 1891, apontavam diversas obrigações do governo, tais como: pagamento da viagem, do porto do Rio de Janeiro, até o núcleo colonial; atribuição de, um lote de terra, à famílias de imigrantes; pagamento do lote, em até cinco prestações anuais, incluindo os juros, a partir do segundo ano de localização; oferta à família, de uma casa provisória; auxílio para construção da moradia definitiva, um pedaço de terra desmatado; sementes, plantas, ferramentas agrícolas e mantimentos gratuitos, para os primeiros dez dias (todos os subsídios tinham de ser reembolsados); direito ao emprego como assalariado, três vezes por semana e, durante os seis primeiros meses, em obras públicas, geralmente, construção de estradas.

Em contrapartida aos benefícios ofertados, o colono era obrigado a cumprir uma série de deveres, sendo um deles, após seis meses, ter uma área desmatada, plantada e com construção de moradia da família. Ainda, fazia parte das obrigações, abrir caminhos que delimitassem o lote e providenciar o desmatamento periódico. Os inadimplentes perdiam os lotes.

Apesar do governo não ter cumprido o acordado e/ou divulgado, o Espírito Santo, como aponta Grosselli (2008), constituiu-se em local onde o imigrante, da Península Itálica, foi recebido com entusiasmo pelas autoridades locais. Todavia, foi exatamente a pouca preocupação por parte do governo em cumprir as condições acordadas é que permitiu as adversidades encontradas nas terras de destino e obrigaram os imigrantes a criar condições onde não havia. Tal fato, conseqüentemente, fez com que desenvolvessem novos valores para o Província /Estado:

(...) nas atitudes e as capacidades dos colonos originários em sua maioria do Vêneto, do Trentino e da Lombardia foram exatamente aquelas que lhes permitiram superar uma situação difícilíssima, convencendo rapidamente as autoridades da positividade daquele tipo de colonização (GROSSELLI, 2008 p. 166).

Entende-se que a trajetória do imigrante peninsular foi marcada por percursos similares, para a História dos diversos grupos, de diferentes províncias, que compuseram a matriz populacional do Estado. Nesse contexto, para se contar a História dos italianos, no Espírito Santo, deve-se relatar a formação dos núcleos

populacionais, e de como a imigração foi fator importante para a abertura de novos povoados. Ainda, se faz importante mencionar como a imigração serviu para a melhoria dos entrepostos que já existiam, com transformações que levaram pequenas vilas e colônias a terem suas vinculações modificadas, tanto com a produção, quanto com seus habitantes. Dessa maneira, também, dizer de como passaram a ser associadas a lugar de imigrantes e de produção de café.

Os relatórios de Carlo Nagar (APEES, 1895) dão conta de que os imigrantes foram se estabelecendo, em direção às montanhas do Estado, todos na busca de terras mais férteis que não tivessem problemas com relação à qualidade do solo<sup>7</sup>. Essa primeira fase do processo imigrantista, de acordo com Dadalto (2002), foi marcada por conflitos diversos, provocados, tanto pela ação do Governo, como dos próprios imigrantes. Por um lado, houve doação de terras pouco férteis, falta de pagamento por serviços realizados pelos colonos para o Estado — em estradas, derrubadas e edificações de casas provisórias nos prazos —, e falha no adiantamento de instrumentos para a lavoura. Esses foram problemas que as autoridades governamentais tentaram resolver por meio de algumas medidas. Dentre essas, a permissão para que os colonos permutassem lotes, reconhecidamente, pouco férteis. Por esses lotes, eram pagas diárias, a muitos colonos, em prazos que, em vários casos, excederam dois anos.

Cabe dizer que mesmo imersos em inúmeras incertezas, os imigrantes, da Península Itálica, continuavam à busca do “Canaã”. Na virada da década de 1870, as mudanças na política imigrantista imperial refletiram na redução de imigrantes entrantes, no estado. Nesse período, a corrente de imigração espontânea, no Brasil, se dirigiu, principalmente, para as Províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Os agora italianos, considerando a unificação, em 1868, voltaram a entrar com intensidade no território capixaba, a partir de 1888. Deu-se, então, uma proliferação de núcleos coloniais, com a criação dos núcleos: Costa Pereira (1889) e Afonso Cláudio (1890), ao sul; Antônio Prado (1887), Acioli Vasconcelos (1887) e Muniz Freire (1893), no vale do rio Doce; Demétrio Ribeiro (1890), no vale do rio

---

<sup>7</sup> Área montanhosa e de solos predominante “classificados como Latossolo Vermelho, Amarelo, disfórmico, com fertilidade variando de média e baixa e PH moderadamente ácido em torno de 5.0”. [http://www.alfredochaves.es.gov.br/Materia\\_especifica/6504/Dados-Gerais](http://www.alfredochaves.es.gov.br/Materia_especifica/6504/Dados-Gerais)

<sup>8</sup> Explicar a formação do estado italiano.

Piraqueaçu; Santa Leocádia (1888) e Nova Venécia (1892), no vale do rio São Mateus.

Esses novos núcleos acolhiam uma percentagem bem menor de imigrantes do que a quantidade que se instalava nas fazendas. A maioria era atraída pelos contratos de parceria com os fazendeiros - que buscavam transformar as lavouras, pois estas se encontravam sem braços para o trabalho, com o fim da escravidão. Era um período de crescimento da receita econômica, do Espírito Santo, em função da elevação dos preços do café, principal produto produzido. Essa efervescência econômica possibilitou que o Presidente, Moniz Freire (1892-1896), criasse um serviço de imigração do estado.

Destaca-se que o Decreto publicado em, 04 de junho de 1892, estipulava que o estado concederia pagamento de passagens; hospedagem gratuita na Capital; transporte e alimentação, até o local em que residiriam; assistência médica gratuita, por dois anos; concessão de um lote, de 25 hectares, em núcleo à escolha do imigrante; e o adiantamento, a cada família, de um valor de, 250\$000, para o primeiro ano de estabelecimento.

Nesse passo, os trabalhos agrícolas eram, na maioria das vezes, voltados ao cultivo do café, e, em pequena escala, à cultura do algodão e cana-de-açúcar; e para o consumo local, era cultivado o milho, o arroz, o feijão, a mandioca, além de outros tubérculos e cereais. A indústria era, ainda, insipiente, e colônias sobreviviam, basicamente, com a agricultura de subsistência. Ressalta-se, entretanto, que, no norte, existiam áreas plantadas com o café; mas era cultivado, em maior escala, no sul, do estado.

Os imigrantes meeiros, localizados nas propriedades privadas, recebiam tudo que era necessário para o sustento, além do alojamento. Ao receberem a colheita, faziam o acerto das despesas com o patrão, sendo debitados, neste acerto, 12%, sobre o valor total dos artigos de consumo que tivessem sido adquiridos, e mais 12%, de juro antecipado. Além disso, o fazendeiro, normalmente, pagava ao meeiro valor inferior ao praticado no mercado.

Castiglioni (1998) aponta a pequena quantidade de imigrantes na época chamados de italianos que vieram sozinhos, para o Espírito Santo: somando apenas 6,18% do total. Muitos vieram após a imigração da família — esse dado revela, por sua vez,

que a faixa etária dos migrantes apresentava uma propensão a ser mais elevada, do que as verificadas, em outros movimentos imigratórios e estados brasileiros, bem como outras épocas. A idade média, dos chefes de família, concentrava-se, na faixa dos 38 anos, e, das esposas, em torno dos 33 anos.

Pode-se afirmar que a migração masculina preponderou no Espírito Santo<sup>9</sup>. Apontam-se como fatores que favoreceram essa situação: a quantidade de chefes viúvos que vieram com suas famílias; a taxa de natalidade, predominantemente, masculina, à época; e a migração dos homens, sem mulheres. Já com relação à categoria profissão, prevaleceu a de agricultores: 72,95% das profissões declaradas. No entanto, não era incomum que nos registros de embarque se atribuísse, à toda a família, a profissão do chefe. Além disso, nessa categoria, vinham os “*sterratores*”, profissão que designava os trabalhadores que cavavam a terra, preparando o terreno para fundações e implantações diversas; pedreiros e carpinteiros. Também, registra-se que, no Espírito Santo, sobressaíram, em quantidade, imigrantes vindos do norte da Itália, região prioritária na difusão da publicidade sobre as vantagens propostas pelo programa de imigração (CASTIGLONI, 1998).

Trento (1988), a propósito da proveniência regional dos italianos para o Brasil, sublinha que a predominância de trabalhadores setentrionais correspondia às preferências manifestadas pelos fazendeiros, por “vênetos e lombardos, devido à sua parcimônia, frugalidade e, sobretudo, docilidade” (Trento, 1988, p. 41). Em alguns contratos de introdução do emigrante, inclusive, está excluída a vinda de populações provenientes da Sicília, da Romanha e das Marcas, por serem consideradas rebeldes.

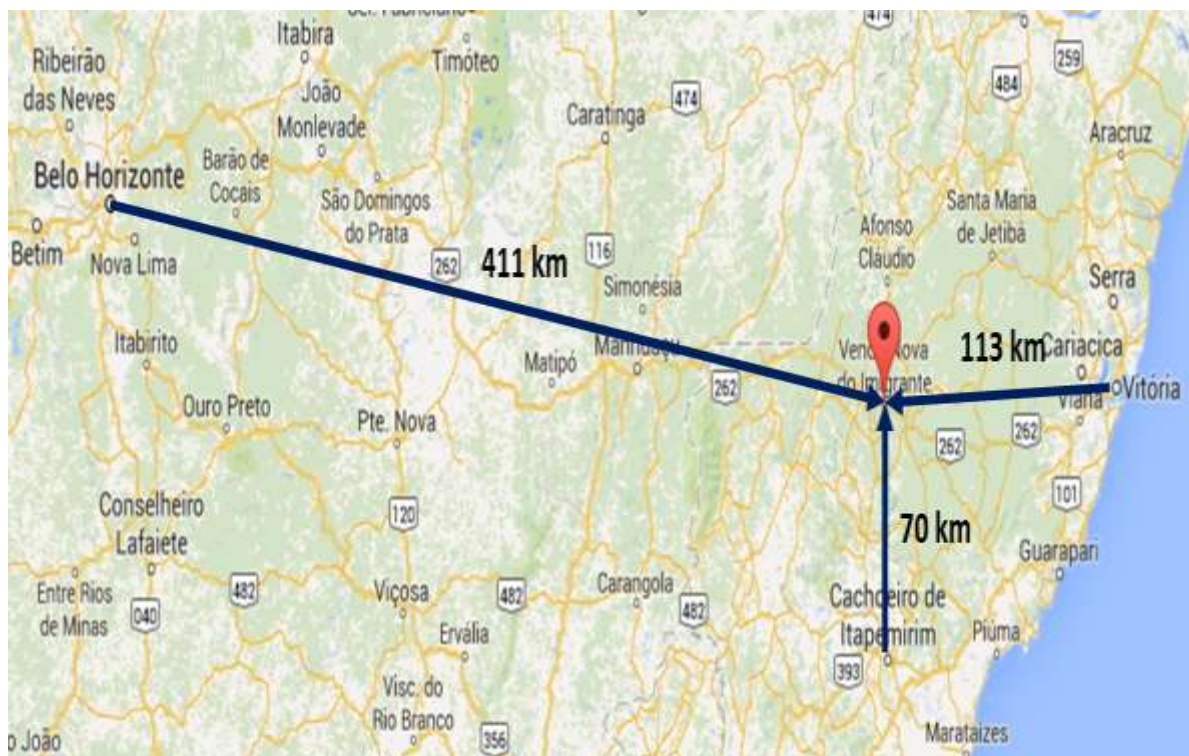
### 3.2 VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Venda Nova do Imigrante localiza-se, na região serrana sul, do Espírito Santo, a 113 quilômetros da capital Vitória, e, a 70 quilômetros da cidade de Cachoeiro de

---

<sup>9</sup> O índice de masculinidade é de 117,17 homens por 100,00 mulheres em 1894 e de 146,19 em 1895, dada a categoria das pessoas que migraram sós, quase todas do sexo masculino (Castiglioni, 1998).

Itapemirim (Fotografia 2). Seu principal acesso rodoviário é pela estrada BR 262, mas essa rota de acesso tem, apenas, 60 anos, pois a BR foi criada quando o município ainda era um distrito de Conceição do Castelo.



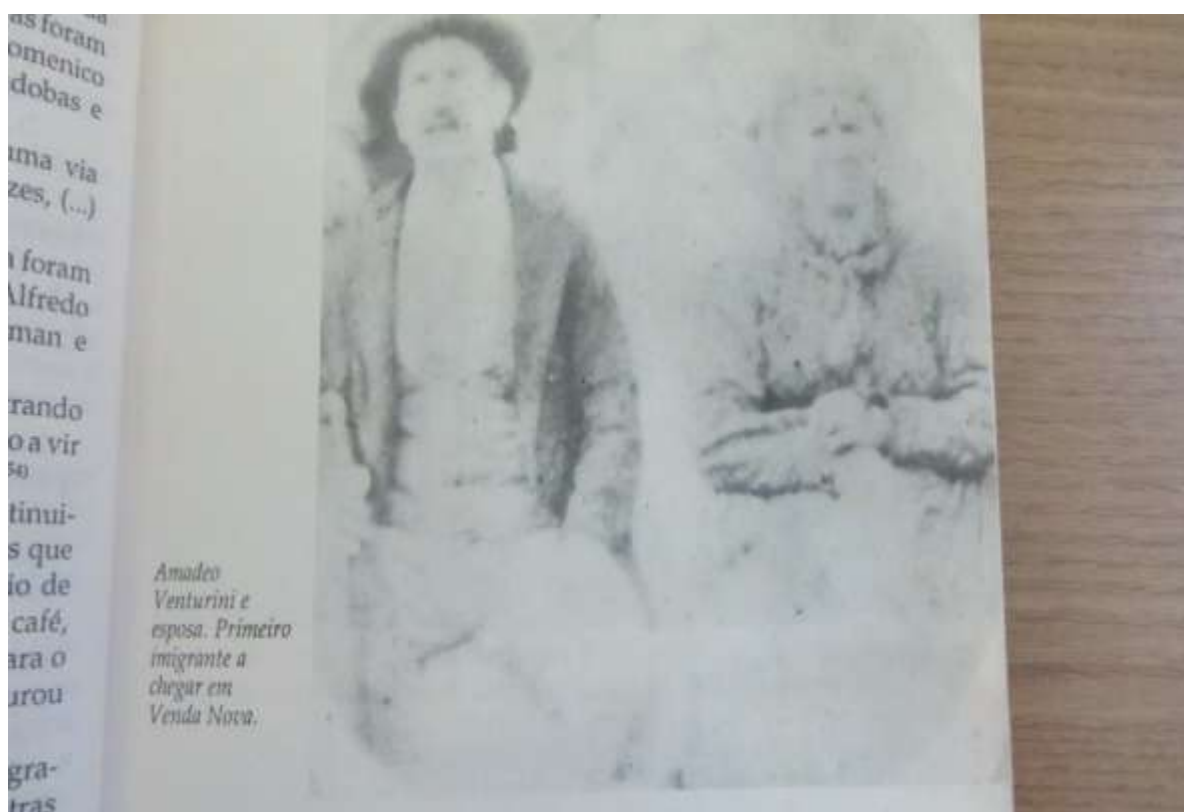
FOTOGRAFIA 2 – Distanciamentos  
Fonte: Adaptação Google Mapas

Surge, por volta de 1855, como um entreposto para o escoamento da produção de café, apesar de existirem ocupações portuguesas-açorianas, desde 1816. Porém, até o ano de 1891, Venda Nova, se constituía como lugar somente de entreposto, inclusive já possuindo esta nomenclatura desde sua concepção. Segundo Franceschetto (2014), é o imigrante italiano Amadeo Venturin (fotografia 3), vindo da Colônia Castello, em busca de melhores terras agricultáveis, que articula a formação estruturada do entreposto, que passa a ser conhecido como Venda Nova, e, assim, se mantém, até os anos 1950. Ressalva-se, entretanto, que Maximo Zandonade (1980), em livro memorialístico, afirma que a estruturação do povoado ocorre a partir da parceria entre o imigrante Angelo Altoè (fotografia 4) e Amadeo Venturin, ambos vindos da mesma região.

Segundo o livro “Lembranças Camponesas: a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante”, publicado, em 1992, as terras de Araguaia,

em Alfredo Chaves, conhecidas como “La terra magra<sup>10</sup>”, são o motivo que levam os italianos a abandonarem e adquirirem terrenos de fazendeiros, nas cabeceiras do rio Castelo, partir de 1891, e, assim, propiciar a organização do povoamento (FRANCESCHETTO, 2014).

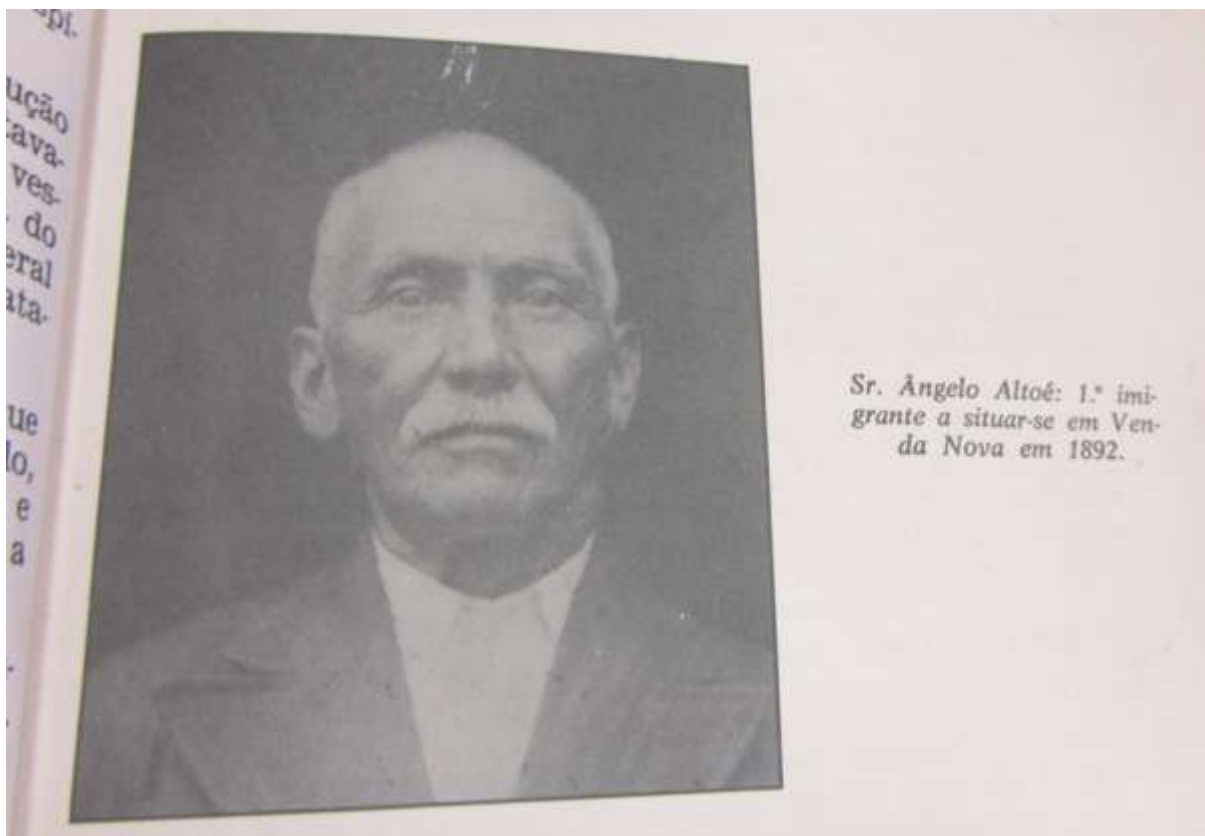
A chegada desses italianos e suas movimentações, com vistas a estabelecer o povoado, trouxeram para a região um entreposto para venda de café. Esse entreposto, na prática, que se destacou como o estabelecimento comercial aparelhado, dando origem ao nome atual do município e à estrutura administrativa local (ROCHA, 2000).



FOTOGRAFIA 3 – Amadeo Venturin e esposa  
Fonte: Foto do livro Lembranças camponesas

<sup>10</sup> Terrenos de solo de má qualidade para a agricultura.





FOTOGRAFIA 4 – Angelo Altoé  
Fonte: Foto do livro Lembranças camponesas

A comunidade de Venda Nova surgiu da estruturação do entreposto. Após alcançar essa condição, algumas ações são realizadas: em 1922, tem início a construção da primeira escola (fotografia 5); em 1925, a instalação da linha telefônica; em 1927, a Cooperativa Agrária de Lavrinhas; e nessa mesma época, a construção dos primeiros 20km da estrada, para Castelo, em regime de mutirão.

Contudo, apesar da localidade, de Venda Nova, de fato existir, o distrito foi, juridicamente, criado, pela Lei Estadual n.º 1.909, de 06-12-1963, subordinado ao município de Conceição Castelo - quando este se manumitiu da municipalidade de Castelo e, assim, permaneceu tutelado, até sua emancipação<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> A lei de criação do município é de 06 de maio de 1988 e sua instalação deu-se em 1º de janeiro de 1989. Todavia, a emancipação é comemorada em 10 de maio – dia da cidade.



FOTOGRAFIA 5 - Construção da Escola  
Fonte: Foto do livro Lembranças camponesas

Ressalta-se, nesse cenário, que a proibição imposta pela Constituição, de se atribuir nome de pessoas aos municípios, não permitiu que a cidade fosse identificada pela figura a qual se atribui a estruturação inicial do povoamento – Amadeo Venturin. Desse modo, a referência ao personagem histórico passa a ser feita por meio da palavra Imigrante, que expressa toda uma representação imigratória da região (FRANCESCHETTO, 2014).

Ainda, à época de sua criação, a divisão geopolítica era composta por dois distritos: o da Sede, de mesma denominação, e o de São João de Viçosa. Atualmente, apesar das diversas localidades, e do afluxo, surgido em torno dessas, apenas Alto Caxixe foi elevado à categoria de distrito, estando, no presente, geograficamente, disposto e recortado por caminhos, conforme se pode verificar na fotografia 6.



FOTOGRAFIA 6 – Mapa Atual do município  
 Fonte: Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante

A localidade Venda Nova apesar de se desenvolver, permaneceu sem afluxos que interferissem em sua identidade, até a abertura da BR 262, em 1957 (fotografia 7). É nesse momento que se inicia um crescimento alavancado, pelo acesso aos grandes centros – Vitória e Belo Horizonte. Isso porque, até essa época, suas atividades socioeconômicas eram restritas às cidades circunvizinhas, com especial atenção, para Cachoeiro de Itapemirim. Com a emancipação de Castelo, em 1989, o município, agora denominado Venda Nova do Imigrante, passa a se organizar para articular o incremento de seu desenvolvimento socioeconômico.



FOTOGRAFIA 7– Abertura BR 262  
 Fonte: Foto do livro Lembranças camponesas

A abertura da BR 262 possibilita o incremento produtivo da região e, diversos setores da comunidade, se articulam para identificar as oportunidades de investimento. Com esse objetivo, SEBRAE, Sistema FINDES, IDEIES - Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo e IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves fazem o diagnóstico socioeconômico do município e, em 1993, seus resultados são apresentados. Assim, considerando as potencialidades do setor primário, secundário e terciário (turismo, comércio, serviços e lazer), e o uso que delas pode ser feito, são apropriadas pelas lideranças e empresários do lugar, reorganizando empreendimentos e fazeres locais (IJSN, 1993).

Dissertar sobre o processo histórico da emancipação de Venda Nova é, também, tratar da contribuição política do Padre Cleto Caliman: filho de imigrante italiano, nascido na cidade, fundador da Festa da Polenta e articulador da política local. Ele atuou de modo a garantir que os aparelhos estatais estivessem presentes, possibilitando alcançar a condição política de município, conforme normativa

constitucional (CALIMAN, 2009). Hoje, a cidade conta com, 23.313 habitantes, segundo dados do IBGE (2014), e se estrutura para além dos aparatos básicos, inclusive com atividades ligadas àquelas identificadas pelo diagnóstico socioeconômico, datado de 1993, traduzidas no agronegócio e na rota do agroturismo<sup>12</sup>. Há na cidade: um hospital; uma escola de nível fundamental e médio, gerida pelo Governo do Estado e outra pela iniciativa privada; um Instituto Federal de Educação de Gestão do Governo Federal, uma Instituição de Ensino Superior privada; infraestrutura de apoio bancário; correios; além do comércio e serviços em geral.

### 3.3 O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE

O município tem sua história vinculada diretamente às políticas imigratórias, do século XIX. Por isso, se fez necessário esclarecer de que maneira essa imigração, em um contexto nacional, e estadual, se expressou na cidade e contribuiu para a construção de uma italianidade local - dando origem às manifestações culturais do presente, particularmente, a Festa da Polenta.

Conforme dito, Venda Nova do Imigrante foi ocupada por imigrantes estrangeiros, antes assentados, na região sul, do estado, que se deslocaram em busca de melhores terras. Uma peculiaridade do município, àquela época, e que se mantém, no presente, é o modelo familiar de produção rural – que pode ser observado em outras colônias, do Espírito Santo, e, do Brasil, principalmente, no sul. Assim, o modelo de produção familiar, e em cooperação entre famílias, se torna o principal modo de trabalho dos primeiros imigrantes vindos para o município, sendo reconhecida como uma das influências dos imigrantes italianos no país (CENNI, 2003). Tal modelo será detalhado, no próximo capítulo.

Os imigrantes aqui assentados originaram as condições de promoção da cultura italiana, visto o isolamento geográfico causado nas áreas destinadas à ocupação,

---

<sup>12</sup> O Diagnóstico aponta diversas potencialidades, mas são as lideranças locais que definiram as prioridades.

por esses sujeitos. Desse modo, evidenciava-se o importante papel que a família nuclear tem dentro da cultura italiana, em um aspecto de amplitude para a história do município. Esses imigrantes possuíam um projeto de vida nova, em terras alémmar, era a continuação de uma história por meio do imaginário, em terras capixabas, o Vêneto, reconstruído por meio das lembranças desde a chegada.

A vida nova não se coloca como um mito no sentido tradicional, mas como um projeto de superação. É um sonho que se renova, que floresce ao longo da história e que se mantém vivo na memória, no patrimônio tangível e intangível do construído. (DADALTO, 2009 p.35).

Venda Nova, nesse contexto, foi amadurecendo, primeiro, como entreposto; depois, como vila e; por fim, como distrito. Na condição de distrito, tinha representantes na câmara de vereadores, o que fortalecia sua importância comercial; e consolidava-se, também, como zona de exploração da agroindústria familiar. É importante lembrar que a ocupação do sul capixaba se dá por meio dos municípios de Rio Novo do Sul, Atílio Vivaqua, Muniz Freire, e, depois, seguindo para Castelo, cidade a qual Venda Nova era pertencente.

As transformações da cidade com a emancipação sempre estiveram ligadas à imigração. Todos os festejos locais e as decisões, em torno da terra, são marcados pela presença dos imigrantes italianos. Convém lembrar que muitos dos habitantes atuais não têm ascendência italiana, de modo que a cultura de recordação se faça presente em todos os aspectos que formam, historicamente, a sociedade vendanovense. É necessário ressaltar que, apesar da cultura italiana, não existe uma estimativa do percentual de habitantes descendentes de italianos na população atual<sup>13</sup>.

Politicamente, o lugar tem uma predominância da influência dos descendentes de imigrantes italianos. Esses descendentes de imigrantes participavam ativamente para a organização da festa como foro político, mas não eram dominantes politicamente. Isso pode ser observado no fato de que o primeiro prefeito eleito da cidade, em 1989, após a emancipação, não fazia parte da comunidade ligada às tradições da festa (CALIMAN, 2009). O grupo estruturador era detentor de influência social e financeira, contudo, sem representação, inicial, no poder executivo. Destaca-se, no entanto, que esse grupo alcançou influências, interferindo e

---

<sup>13</sup>A festa da Polenta, recorte dessa pesquisa, inicia-se antes da emancipação. Há relatos de que se constituía como um foro de debate político, inclusive para a emancipação (CALIMAN, 2009).

modificando os rumos políticos do município.

Isto posto, tem-se estabelecida a cronologia de dois séculos, desde a ocupação, pelos primeiros imigrantes italianos, até a atualidade - na qual se realiza a Festa da Polenta, como marco da cidade. Faz-se importante ressaltar que, desde a sua criação, pelo padre, Cleto Caliman, até os dias atuais, a Festa da Polenta configura-se como foro político integrador da parcela da população ligada à sua realização.

Considera-se, então, que a Festa não constitui um evento global, pois nem todos concordam que seja representativo da cidade como um todo. De fato, é uma promoção de poucos e de poucas famílias, não representando os grupos mais antigos do lugar, como os portugueses-açorianos e os descendentes de africanos. Não obstante, muitos participantes, na organização e execução da Festa, não são descendentes dos primeiros imigrantes da península itálica.

Para o entendimento da cultura da Festa da Polenta deve-se, antes, desvendar o caminho que os destinou a Venda Nova do Imigrante. Além de entender a história do município, como parte do domínio coletivo da História de uma parcela da população que, hoje, habita a cidade. A partir dessa compreensão é possível a transmissão e reinvenção dos saberes de *nonnos* e *nonnas* cujo presente e passado estão entrecruzados. Faz-se, portanto, importante conhecer o que os levou a procurar terras na América, como se instalaram e se desenvolveram no Espírito Santo e, em especial, em Venda Nova do Imigrante, de modo a influenciar as práticas da cidade como um todo, com a realização, anual, de um evento marcado pela memória da sua origem.

### 3.4 OS ITALIANOS

Os imigrantes italianos, tal como aponta Franzina (2006), são oriundos da necessidade de se deslocar, tendo em vista a forma como, o Estado-nação, Itália, foi fundado, no final do século XIX, com as guerras e os problemas políticos referentes à fronteira norte. Também, a forma como os senhores de terras locais insistiam em conservar as terras que possuíam, mesmo que isso fosse insustentável (CENNI,

2003). Além desses fatores, de ordem política e militar, deve-se observar que a imigração remonta ao período de estruturação do capitalismo italiano (SCOTTO, 2011), com suas peculiaridades econômicas e sociais que não cabe aprofundar neste texto.

Ressalte-se que as demarcações, de longo prazo, do território italiano talvez contribuíssem para a longa jornada de deslocamentos de algumas pessoas de determinadas regiões. Assim sendo, alguns locais, como o Trivêneto, tiveram a institucionalização dos fenômenos imigratórios baseados na exploração de classes subalternas, mas, até um ponto em que os problemas rurais se instalavam com força maior, no norte, em relação ao sul. Quanto a isso, sinaliza Franzina (2006, p.33-34):

Há uma área de partida e uma área de destino, estímulos “expulsores” e estímulos “atrativos”: a importância de cada um, ou mesmo seu caráter decisivo, varia de acordo com as situações históricas, mas sempre nos remete a um quadro complexo, que é da evolução do capitalismo a partir dos anos 50 do século XIX

Cenni (2003) frisa, de maneira geral, como o “fazer a vida na América” chegava, na península itálica, como propaganda familiar, via primeiros imigrantes: com a nota das vantagens de emigrar descrevendo as facilidades e as vantagens, de buscar uma nova vida em território americano. Ainda, segundo o autor, a relação entre a necessidade da busca por algo melhor, com o fazer um novo caminho além-mar, estruturou uma nova etapa nas relações entre, o Brasil, e, a Itália. Assim, os imigrantes não faziam mais parte de uma relação de necessidade, apenas; mas passam a ser prioridade política e administrativa, para ambos os países.

O trabalho dos italianos com o café não constituía novidade, apesar de os peninsulares que vieram para o Brasil não conhecerem a lida com o vegetal. “O café entrou na Europa católica pela Itália, e no Brasil, segundo a tradição as primeiras sementes foram introduzidas a partir da Guiana Francesa, em 1723 ...” (CENNI, 2003, p. 202). Os imigrantes italianos que vieram para o Brasil, apesar de serem, inicialmente, empregados no cultivo do café, não possuíam expertise para sua lida. Contudo, a disseminação do café se deu a partir de arbustos cultivados, no Pará, Amazonas e Maranhão, trazidos pelo magistrado Castelo Branco, para plantações em chácaras de franciscanos, em sua maioria, originários da península itálica, conhecidos por frades barbadinhos (CENNI, 2003 p. 202).

Pereira (2008) aponta um interesse pela mão de obra italiana, visto que o governo



republicano passou a desonerar os gastos dos fazendeiros, incentivando a entrada de mão de obra imigrante e italiana. O governo passou a bancar os custos de todo o processo desde a vinda dos europeus. O imigrante poderia optar por se estabelecer em uma colônia ou em uma fazenda de produção de café:

Dessa maneira, saíram vitoriosos os grandes proprietários rurais, pois a entrada maciça de imigrantes garantiu braços para a lavoura cafeeira em expansão, assegurando, inclusive, uma reserva de mão-de-obra. Mas venceram também a intelectualidade, as autoridades públicas e os empresários privados, envolvidos nos debates sobre o formato da política imigratória. Tais setores sempre externaram suas preocupações com relação à constituição de uma “nação moderna”, percebendo a imigração como uma possibilidade de “civilizar” o país. Isso significava povoar o território com populações norte-europeias que “embranqueceriam” o povo. Uma proposta que se fortalecia com o crescente compartilhamento das “teorias raciais”, em maré montante desde a segunda metade do século XIX. (PEREIRA, 2008, p. 38-39).

Nesta direção, pode-se, até certo ponto, garantir as origens – se do norte ou do sul, quais imigrantes se deslocaram em direção ao Brasil, verificando os contingentes dos que chegaram, e em quais navios oriundos, da península itálica (CASTIGLIONI,1997). Isso, considerando que estes não são os únicos que vieram, mas seriam os que tinham a preferência, por parte dos fazendeiros, que empregavam esses sujeitos. Outra questão importante é que esses grupos de imigrantes seriam capazes de manter, naquela conjuntura, o projeto de Estado que assumia um papel ‘civilizatório’, no contexto nacional: possuíam a mesma religião católica, o que, na teoria, diminuía a possibilidade de aglutinação em grupos étnicos. Esta última não foi plenamente atendida, diante das comunidades pré-existentes dentro das colônias, dado os diferentes grupos étnicos viventes na Itália.

O problema da pobreza, da população camponesa, na Itália, constituiu o principal impulsionador para a transferência de mão de obra, mesmo que, na prática, os sujeitos não estivessem ligados à vida campesina. Até porque, esses sujeitos formavam o maior contingente, mas não eram os únicos com problemas financeiros, que buscaram, no ato de emigrar, uma alternativa à carestia.

Segundo Trento (1988), a condição de nação unificada, tardiamente, culminou com a necessidade um tanto imediatista de buscar um novo lugar para se viver. Tal fato fez, forçosamente, do italiano um sujeito com a tendência de se deslocar de território por necessidade, ou por força da propaganda governamental brasileira. Sendo a propaganda, uma promessa de vida com mais qualidade, em fins do XIX, no Brasil.

Isso garantiu fortíssima adesão à vinda para o país. Além disso, a Itália era assolada pela miséria existente, na Europa, nessa época, o que atuava como o principal fator de expurgo dos sujeitos, da sua região de origem. Esses chegavam à medidas extremas, para alcançar ao porto e embarcar. Portanto, não é surpreendente que, cerca de, 2 milhões de italianos, tenham vindo para o Brasil, dos quais, 36.666 (trinta e seis mil, seiscentos e sessenta e seis), para o Espírito Santo, como já foi pontuado.

### 3.5 OS ITALIANOS NO ESPÍRITO SANTO

Os italianos chegaram ao estado e encontraram: os descendentes dos ameríndios, que haviam sobrevivido à colonização; os portugueses e seus descendentes que, desde o Brasil Colônia, haviam se instalado aqui; assim como os africanos, que vieram como escravos, e que nessa condição, permaneceram até a Abolição da Escravidão (1888). Dessa forma, em todo país, tem-se um estado formado por várias etnias e culturas.

Em se tratando da imigração de europeus, o estado, sempre esteve alinhado com as políticas impostas pelo governo central, tanto Imperial, quanto republicano. Destaca-se que os grandes contingentes de imigrantes europeus chegaram na transição do Brasil Imperial e Republicano. Todavia, o que desencadeia, de fato, a colonização é a expansão da cafeicultura, após, meados do século XIX, como acentua Dadalto (2005):

A formação sociocultural do Espírito Santo é constituída de povos múltiplos. De 1535 - época que aqui aportou Vasco Fernandes Coutinho – até a metade do século XIX, somente uma pequena parte do seu território era colonizado. A expansão da cafeicultura é que provoca sua transformação sociocultural e econômica. Inicialmente, o café era plantado na Província de Vitória e no vale do Itabapoana (DADALTO, 2005 p.47).

Com relação específica aos italianos verificam-se alguns levantamentos<sup>14</sup> que

---

<sup>14</sup>O Arquivo Público do Espírito Santo realizou um estudo que identificou a origem das famílias de imigrantes que desembarcaram no estado, mostrando de qual região da Itália estes indivíduos se originaram. (FRANCESCHETTO, C. Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. / Cilmar Franceschetto. — Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória:

indicam as regiões de onde são provenientes esses imigrantes, bem como as suas famílias. O objetivo desses bancos de dados é apresentar as origens e procedências dos sujeitos, marcados pela região e pela cidade de onde são provenientes, tentando evidenciar para qual lugar de assentamento foi destinado cada um deles.

Segundo Saletto (2011), a maioria dos imigrantes, destinados ao Espírito Santo, veio acompanhada por suas famílias. Essas famílias eram do tipo patriarcal, e originárias do Trivêneto, muitas trabalhavam no campo, anteriormente, o que já configura uma vantagem para o Estado, devido ao conhecimento específico da lida com o campo. Logo, as famílias vieram, em virtude da necessidade de mão de obra e contingente de europeus, para ocupar locais destinados à colonização das terras desocupadas ou incultas, e para atender a necessidade de mão de obra, nas fazendas de café, em processo de substituição da mão de obra escrava.

Um dos fatores importante para a fixação dos imigrantes e na solidificação dos processos imigratórios, no Espírito Santo, se dá na estruturação administrativa dos povoamentos - por meio da implantação de justiça, prefeitura e todo o aparelhamento estatal (DADALTO, 2009). Assim, o estado se transforma, na virada do século XIX, para o XX, apoiado na imigração de italianos e outras nacionalidades europeias, além de migrantes nacionais, negros e índios, fruto dos procedimentos coordenados pelo governo nacional (FRANZINA, 2003).

Pontua-se que, os imigrantes pioneiros enfrentaram condições adversas para a ocupação das terras que lhes foram destinadas, porque os governos brasileiros não cumpriram com o que haviam prometido e divulgado, na Europa (BERTONHA, 2005). Por isso, esses sujeitos precisaram criar novas formas de se adequar ao lugar em que passariam a viver. Dessa maneira, a necessidade de sobrevivência e adaptação às novas terras levou a uma configuração de vida social amparada no trabalho familiar, no resgate dos modos de fazer anteriormente utilizados na Península Itálica. Tal fato favoreceu a construção simbólica de um mito de italianidade, em Venda Nova do Imigrante, possibilitando a composição das manifestações culturais realizadas no presente. (BERTONHA, 2005).

Nós fazemos tudo como nossos *nonnos* tudo é para eles...lembro de ficar sentado em cima dos sacos de fubá enquanto minha mãe cozinhava (Entrevistado Cláudio).

Sendo assim, as tradições são construídas no emprego da forma familiar nuclear de se estabelecer as tradições e símbolos culturais, que foram consolidados por um grupo social, no município de Venda Nova do Imigrante. O estabelecimento dessas tradições fez com que o grupo de descendentes dos imigrantes, da península itálica, ganhassem projeção, social e política, no município.

### 3.6 OS ITALIANOS EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Os imigrantes italianos e descendentes, em Venda Nova do Imigrante, tiveram de superar a falta de recursos, a falta de apoio do governo provincial e estadual utilizando, basicamente, a força de trabalho familiar. Ressalta-se que, nesse contexto, vigorava o modelo social patriarcal. Ainda, completava esse modo de produção, a assistência coletiva interfamiliar, principalmente, nos períodos mais importantes da colheita, tal como ocorria nas regiões do norte da Itália, de onde era proveniente grande parte desses imigrantes:

As famílias de meeiros desenvolveram várias formas de troca e mútua assistência; uma delas era a *aiutarella* a troca de serviços entre famílias em momentos cruciais do calendário agrícola, como a debulha. No plano cultural, havia também a importante prática da *veglia*. Nas longas noites de inverno, as famílias se reuniam nos estábulos ou na cozinha das casas de fazenda para jogar cartas e outros jogos, para tricotar e costurar, para ouvir e contar histórias. A participação na *veglia* não se limitava apenas a uma única família. (PUTNAM, 1996 p.153).

Esse modo de produção familiar, tal como apontado por Putnam, se mantém no presente, e se expressa, por parte de um grupo de descendentes de italianos, numa reinvenção de histórias, costumes e mentalidades daqueles originários do Vêneto, que se instalaram na localidade. Esse grupo buscava consolidar uma identificação marcada pela italianidade, com a construção mitológica de uma cultura ítalo-brasileira que, associada às manifestações culturais em curso, anseiam unir, passado e presente, da memória, privada e coletiva.

A Festa da Polenta, portanto, é um local de recriação, reinvenção da tradição, porque tem presente elementos culturais que são distintos da sua origem no continente europeu. A história da imigração não é um fato inerte ocorrido no passado, ela ainda reverbera, com marcas sociais e políticas que moldam, o presente, segundo o passado são práticas sociais culturais e políticas.

Considera-se a história da imigração, expressa pelas tradições reinventadas e escritas, sob uma abordagem local, nunca inerte, ressurgindo como a interpretação específica do que veio e vem a ser a imigração. É uma história contada por vozes detentoras do saber local, de pioneiros e seus descendentes. Tudo isso é expresso, na Festa da Polenta, de Venda Nova do Imigrante, desde a sua origem, no pequeno pátio do colégio Salesiano Fioravante Caliman, até a atualidade, em um espaço destinado, exclusivamente, à sua realização.

Estas condições estão presentes no entendimento da identidade italiana, forjada pelos habitantes da cidade, que rendem homenagens aos primeiros italianos, que se estabeleceram no local e foram identificados como fundadores da cidade, mesmo que, de fato, não sejam. Essa identidade torna-se visível por meio da realização da Festa da Polenta, que se tornou uma forma de conectar, simbolicamente, o passado e o presente, e no qual uma parcela de um grupo social residente, no município, dita as regras de convivência e de trabalho. Porém, antes de se descrever a Festa, faz-se necessário situá-la, simbolicamente, como memória e reinvenção.

## 4 A FESTA DA POLENTA

A Festa em questão foi instituída a partir de um rito similar existente, em Alfredo Chaves, município vizinho a Venda Nova do Imigrante. Seu propósito era de juntar as principais famílias de descendentes de italianos dessas regiões. Foi uma iniciativa do padre Cleto Caliman, em 1978, e colocada, em prática, por ele e algumas pessoas. No registro de Caliman (2009), em 1979, foram nove os organizadores da primeira Festa da Polenta na cidade<sup>15</sup>.

As festividades ocorrem sempre, no mês de outubro, em datas que coincidam com o aniversário do padre Cleto Caliman, nascido em 14 de outubro de 1914. A partir do ano de 2013, a Festa da Polenta passou a contar com dois finais de semana, tendo as mesmas atrações em ambos, sendo intercalada, durante a semana, com uma programação noturna, nos dias de quarta e quinta feira. Às segundas e terças, não são promovidas atividades para o público. Na quarta feira é feito um encontro musical, no Centro de Eventos, e é servida a polenta.

Pode-se afirmar, a princípio, que é um rito direcionado por dois propósitos: um religioso e outro beneficente. O primeiro envolve a celebração de uma missa solene, e o segundo, consiste na arrecadação de fundos para fins beneficentes - por meio da diversão e confraternização das famílias da localidade (CALIMAN, 2009).

Com o passar dos anos, o sentido de comemorar a proximidade entre as famílias da cidade, e o modo colaboracionista, de outrora – de reunião de fim de semana, de exaltar as amizades e parcerias, que não podem acontecer durante as jornadas de trabalho, os ciclos de lida com a terra e o cozinhar a polenta em família – se tornaram parte da Festa.

A Festa da Polenta surgiu assim, como um evento de confraternização, e com o passar do tempo, foi se transformando. Tais mudanças ocorreram em função das interações políticas e econômicas, colocando o protagonismo da Festa, não só como relação social e histórica, mas como uma possibilidade de alavancar os negócios que giram em torno da produção rural da cidade, agregando valores à produção

---

<sup>15</sup> No nosso caso trabalhamos com apenas uma das mais variadas festas que recordam o passado da imigração italiana, ou seja, a Festa da Polenta de Venda Nova do Imigrante, embora existam outras festas que levam o mesmo nome no Brasil, mas que estão em outras cidades, em especial São Paulo e Rio Grande do Sul, nenhuma na capital.

local.

No contexto de transformações, do final dos anos 80, e início dos 90, a Festa da Polenta tem o seu perfil mudado em relação ao tamanho do festejo. Isso, devido ao número de pessoas capaz de receber, de uma única vez, em seu espaço - o pátio do Colégio Salesiano da cidade -, onde o improviso, muitas vezes, marcava a realização da festa.

Ainda, segundo Caliman (2009), foi no pátio do Colégio Salesiano Fioravante Caliman<sup>16</sup>, da cidade, que, em pequena escala, aconteceram as primeiras comemorações, voltadas às famílias que se agrupavam para um almoço comunitário. Os almoços eram marcados pela presença dos ingredientes tradicionais do lugar (polenta, frango, macarrão, porco e vinho), com muito improviso, e numa reunião bastante informal.

Nesse sentido, a polenta, para o lugar, se fixa como uma memória coletiva recriada, reinventada, originária da tradição italiana, na qual os sujeitos ficam ligados por um elemento cultural que os tornam próximos, tal como nos aponta Lévi-Strauss (2004), quando apresenta a comida como um elemento de coesão e identificação cultural. Assim, os participantes da Festa identificam a polenta como símbolo de cultura local.

A partir de 1991, a comemoração muda de endereço e passa a existir como uma Festa em local específico e destinado a eventos do município, denominado Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, conhecido popularmente como “Polentão”. Desde então, aumenta de tamanho e de configuração, atraindo mais público, inclusive de localidades adjacentes e afastadas, mas mantendo presente a religiosidade e o caráter beneficente.

Deve-se ressaltar que, até então, apesar das modificações na forma de reunião e de toda nova estruturação – shows, espaço específico, coral e grupo de dança – a montagem seguia as diretrizes religiosas do Bispo Dom Décio Zandonadi<sup>17</sup>, que também era da região. Mas era ao mesmo tempo parte das imaginações comemorativas<sup>18</sup> do padre Cleto Caliman, ainda vivo, neste período.

Atualmente, verifica-se que a Festa opera em duas frentes: a da necessidade

---

<sup>16</sup> Pai do Padre Cleto Caliman, tido pelo padre como uma referência.

<sup>17</sup> Bispo da diocese responsável por Venda Nova do Imigrante e apoiador incondicional de padre Cleto Caliman.

<sup>18</sup> <http://www.festadapolenta.com.br/>

econômica, porque a maior riqueza é agrícola, e principal fonte de renda da cidade; e a identitária, que resgata a tradição com o trabalho na lavoura. Nesse sentido, a Festa da Polenta é a articulação de fatores potenciais que propiciaram melhores oportunidades de investimentos para o município. Tais potencialidades foram levantadas a partir de diagnóstico socioeconômico, do município, produzidos pelo IJSN, em 1993, apropriados pela comunidade civil, e organizado, com o objetivo de atrelar as práticas culturais às econômicas. Ou seja, deu-se a tradução de um inventário produzido em uma realidade na qual se associou a reinvenção da tradição, com o potencial turístico e agropecuário.

A lavoura que traz o alimento diário para essa comunidade é fruto de duas fases de sua existência, no passado: uma, quando era necessário ter um cultivo para se comer, no caso, o milho; e outra, uma cultura para se vender, no caso, o café. No presente, as necessidades se transformaram, mas algumas características não se perderam, em especial, a finalidade da produção de alguns itens. A polenta continua sendo um produto tanto de subsistência quanto de cultura.

Convém destacar que o café continua sendo o carro chefe da região, mas acrescido de uma atividade econômica recente, que a Festa da Polenta vem reforçar: o agroturismo. Ainda, o café que, anteriormente, era a alternativa para a baixa de preços, passou a ser um produto de primeira linha para esta região, transformando o lugar e resgatando a cultura do campo tradicional. A rubiácea passou a ser beneficiada na região, agregando valor econômico ao produto, entre outras medidas de fomento, que trouxeram maiores perspectivas ao lugar. Logo, pode-se afirmar que a modernização do modo de produção trouxe valorização para a comunidade em questão.

#### 4.1 A ASSOCIAÇÃO E A MANUTENÇÃO DA FESTIVIDADE

No presente, toda a estrutura da Festa da Polenta fica a cargo da AFEPOL (Associação da Festa da Polenta) que foi criada, em 1991, com o apoio e sugestão do fundador do festejo – o padre Cleto Caliman. O objetivo da associação era



melhorar a festa para os habitantes locais e facilitar a mão de obra nela empregada. O surgimento da AFEPOL deu-se, a partir da percepção, por parte dos organizadores da festa, de que era necessário profissionalizar e melhor organizar o evento que, neste período, começou a ganhar um número considerável de visitantes. Contudo, a festa ainda era realizada no pátio do Colégio Salesiano da cidade.

O período descrito foi o de transição da festa, em relação aos seus objetivos culturais e as demandas para atendimento às necessidades que a cidade passava a ter. Tais demandas dizem respeito ao agroturismo, recém-implantado na região, mudando o perfil dos visitantes da festa, e que, conseqüentemente, criava impactos nas festividades.

Com o tempo, o evento deixa de ser, essencialmente, da Igreja Católica e seu caráter filantrópico ganha um destaque especial, sendo enfatizado pelos envolvidos como sua marca principal. Os recursos agora arrecadados têm uma destinação ordenada segundo prioridades, distribuídos na seguinte ordem: o Hospital Padre Máximo e a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais). Com relação ao excedente, é usado para realizar a próxima Festa.

A direção da AFEPOL é responsável por manter a gerência e a pulsão de ideias para a festa do ano seguinte, sendo encabeçada pelo presidente e integrada pelo padre Cleto Caliman – até seu falecimento. Sendo o padre, responsável por manter a cultura italiana. Desta forma, mantinha a indumentária do passado e alguns costumes preservados: a reinvenção da tradição de que fala Hobsbawm (1997).

Caliman (2009) define os objetivos da associação, considerando o seu papel de transitoriedade na história e a preservação da cultura italiana, resgatando o passado e representando aquilo que os descendentes dos imigrantes entendem por cultura a ser preservada. Cabe dizer que a Festa da Polenta por ter essa característica de valorizar a cultura dos imigrantes italianos, cria outros eventos, fora do principal, que é a polenta. Isso na intenção de atrair o público, que se interessa, também, pelo enduro e pela serenata, mesmo que predomine a tentativa de manter uma festividade mais restrita aos descendentes.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Estes eventos restritos são realizados fora do período convencionado para a realização da Festa da Polenta, em outubro.

A Festa, no presente, é um retrato das transformações, uma vez que agrega lembranças do passado e inovações, com a ampliação das atividades. Mas isto ocorre, principalmente, no quesito de divulgação, tornando um evento profissional, porém com aspecto de festa do interior, mantendo certo improviso proposital. A participação do habitante local na formatação da festa é um pressuposto que, tanto os seus idealizadores, quanto a Associação preconizam. A organização faz do habitante local o verdadeiro ator da história da imigração, para o lugar, atuando nas mais variadas funções, que carregam em sua totalidade a história, do presente e do passado, de imigração – mesmo que este habitante não seja descendente de italiano.

Entretanto, a especialização que a festa adquiriu, no começo dos anos 90, e sua ampliação, no século XXI, não diminuem o seu caráter cultural e a forma como os engajados no festejo se preocupam com ele. O que houve foi um ordenamento financeiro e de divisão de tarefas. A polenta, como principal atrativo da festa, abriu espaço para que a Associação disponibilizasse, nas festividades, os produtos das fazendas da região, que trabalham com o agroturismo, agregando valor, tanto de mercado, quanto cultural, que é o valor principal no espaço do evento.

Em outras palavras, a profissionalização da festa marca a transição entre a atuação do guardião da tradição, personificado na figura do Padre Cleto Caliman, e a dos especialistas, os presidentes, diretores e voluntários mais engajados à frente da organização da festa. (CALIMAN, 2009, p.100)

Nesse cenário, a associação responsável pelo evento se afirma na condição de debatedora das novas ideias, capitaneando o novo, em razão das histórias do passado. Além disso, faz com que o participante tenha o seu papel de ator ativo do processo de contar a história, modernizando e atualizando práticas que permanecem na memória coletiva.

Por conseguinte, a festividade criada, em Venda Nova do Imigrante, em torno da polenta, é um recurso de retórica (YATES, 2007). Tal recurso é utilizado por descendentes que se identificam, perante um aspecto cultural, dentre vários que foram incorporados pelos imigrantes quando chegaram, ao Brasil, sendo firmado como elemento de transfiguração cultural. Montagem de uma cultura ítalo-brasileira que entrecruza os tempos.

Em Venda Nova, a Festa da Polenta é considerada patrimônio local,<sup>20</sup> nesta direção, é desenhada uma conjuntura muito mais orgânica e profunda. Isto porque se verifica um entrecruzamento de tempos cronológicos e históricos. Dentro deste lugar da história, a polenta surge como maior legado, pois transita entre os espaços privados, dentro das casas, e os públicos, com o estabelecimento da festa que rende homenagens a esse alimento.

Os produtos cultivados por imigrantes italianos tinham funções distintas. Conforme já foi dito, o milho era fonte de alimentação, e o café era produção voltada para venda (ROCHA,1984). Logo, uma das alternativas para a população era vender café e, para sobreviver, comer polenta nas suas mais variadas formas.

A Associação garante que sejam preservados alguns hábitos que são considerados, historicamente, como de longa duração, na concepção de Ricouer (2007), visto que não se pode afirmar existir rupturas, mas sim transformações. Nota-se que existem coisas que são modificadas e outras que são mantidas, tais como as roupas, por exemplo, utilizadas nos festejos e o arranjo do lugar em que a Festa da Polenta se realiza, como a Casa da *Nonna* e o Paiol do *Nonno*, como será mostrado mais adiante.

Hobsbawm (1997, p.25) considera que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, “caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. Avalia-se, assim, que a tradição inventada, nos termos de Hobsbawm (1998) se encontra expressa no fazer a polenta hoje promover as atividades rurais e fraternais, resgatando o passado. Tais expressões, historicamente, para o grupo promotor da Festa da Polenta, foram geradas pelo referido alimento, reproduzindo a forma de fazer, do passado, na atualidade; desse jeito, projetando o passado por meio do fazer a comida.

Ademais, registra-se que, durante a Festa da Polenta, alguns símbolos culturais são evocados e reinventados como uma produção de lugar, tais como, os *nonnos* como detentores do saber, as danças, o modo de se vestir - similar ao século XIX -, espaços domésticos e comida. Os alimentos são bastante explorados no festejo e englobam, não só a polenta, elemento festejado, mas, também, os embutidos, à

---

<sup>20</sup>A Lei municipal 1.087/2013 proposta pelo vereador Tiago Altoé declara o trabalho voluntário como “patrimônio histórico e cultural de natureza imaterial do município, pois a festa foi considerada não habilitada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

base de porco, e o frango frito. Contudo, o deslocamento cultural que suporta a reinvenção da tradição está ligado à maneira que fazem o alimento, que, por intencionalidade, tentam representar, o passado, com os elementos e ideias, do presente. Desta forma, elaborando, no simbolismo, do presente, suas descontinuidades e percepções.

A polenta, para esse grupo de descendentes, é um elemento de longa duração, por mais modificados que sejam os modos de servir. Essas modificações acontecem nos acréscimos, em relação à quantidade de polenta servida, e ao fato de hoje serem usados aparatos diferentes para sua produção – tais como a panela gigante e a treliça, para suportar a panela, que é uma invenção recente, datada de 1998.

Beneduzi (2011) entende que os grupos de imigrantes da península Itálica criam aspectos materiais que os remetem à terra deixada e, neste sentido, compreende-se a polenta como um dos elementos de unidade do grupo de descendentes de italianos. Tal como fora no passado, quando seus antepassados deixaram um norte italiano recém-unificado, traçando o caminho de fazer-se unido, não só em nome de um ideal, mas em favor de uma necessidade de se estar unido com força de trabalho suficiente.

A polenta entra, também, nesta parcela política do lugar. Ela é componente de uma trajetória de longa duração, que Braudel (2009), indica como ponto vivaz da formação de uma cultura política local. O alimento representa elementos de transição, entre o passado, na Europa, e, no Brasil; e as presentes transformações, das histórias pessoais e coletivas, no município de Venda Nova do Imigrante.

A Associação busca manter as tradições; a juventude, engajada na promoção da Festa reproduz, no presente, uma história do passado não vivido, idealizado por meio das histórias de domínio coletivo. Neste sentido, refere-se aos *nonnos*, de uma maneira geral, com carga de personalidade e emoção, com referências às conquistas do passado, atribuindo-se, às do presente, o mesmo sentimento relacionado às conquistas dos imigrantes italianos que ocuparam a região, no século XIX.

Aqui tem coisas que são difíceis, porque a propriedade está em nome do meu avô que já é bem velho e para o qual não conseguimos até agora o CNPJ<sup>21</sup>...mas conseguimos melhorar a loja e os rendimentos...por hora as coisas são menos difíceis. (Entrevistada Paola).

---

<sup>21</sup> CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

Avalia-se, dessa maneira, que o presente é a memória ressignificada para a comunidade. Neste caso, tudo ocorre em um nível macro de potencialidades, participantes/ajudantes estão envolvidos no processo de transformação em permanências. A contradição a respeito de comunidade rural se desfaz, e as relações são, antes de tudo, culturais.

## 4.2 OS PARTICIPANTES/AJUDANTES: A CIDADE E A POLENTA

Os participantes/ajudantes da festa estão divididos em duas faixas: os mais velhos – *nonnos*, ligados à direção do evento, que se agrupam na Associação; e os mais novos, que trabalham desempenhando as mais variadas funções, inclusive, entretendo o público que frequenta o evento, por exemplo, com espetáculos de dança. Esta divisão é pautada em dois segmentos: em primeiro lugar, a manutenção dos mais velhos, ligados às famílias mais antigas, representadas, na festa, pelo poder da Associação; em segundo, é a dos atuais, 1.200, participantes/ajudantes, na preparação e nos eventos que envolvem a Festa da Polenta, antes e durante o festejo. Considerando-se, similarmente, que existem outros eventos, ligados a Festa da Polenta, antes do mês de outubro.

Os participantes/ajudantes da Festa, que se dividem em, 30 equipes, desde a montagem, até o entretenimento – shows de música e dança -, embora se modifiquem com o passar do tempo, conservam a tradição de se manterem subordinados aos *nonnos* em determinados aspectos. Essa permanência faz com que a memória permaneça viva no imaginário, e que os sujeitos continuem a produzir a Festa e apresentarem, nela, a história da ocupação da terra, do cultivo e, por consequência, dos fazeres gerados pelas condições adversas vivenciadas no início da instalação no local.

As regras e os códigos, assim como os fazeres, tornam-se fonte do exercício do poder pelos *nonnos* e *nonnas*, mesmo que este exercício venha de uma construção das identidades, de maneira local, por meio das ferramentas de que dispunham, sobretudo, no ambiente rural, do século XIX. Sendo assim, até o próprio alimento

ganha o seu sentido histórico particular, dentro do transcorrer do tempo histórico cronológico. Deve-se dizer, quanto a este tempo, que todos se recordam das reuniões em torno do fogão de lenha para comer a polenta. Ainda que isto não faça parte, de maneira real, de sua vida cotidiana, a recordação particular dos *nonnos* se torna parte da memória coletiva. Logo, tempo histórico cronológico, transformou as memórias locais, tornando a memória particular um saber memorialístico coletivo.

Outrossim, os colaboradores do festejo se distinguem dos mais velhos de modo próprio, mas, também, são capazes de recontar o passado nas representações do presente. Além disso, as danças típicas representadas na festa<sup>22</sup>, bem como a panela gigante e o tomo da polenta, são muito importantes para o estabelecimento cultural e econômico, evidenciando os novos caminhos para a história da Festa.

Segundo Carvalho (2012, p.35), “A obediência às normas rígidas que se apresentam travestidas do aspecto de negociação ou de adesão espontânea subtrai da festa o aspecto de transgressão do estabelecido”. Neste sentido, os participantes/ajudantes, no seu dia a dia, apresentam um discurso no qual os comportamentos que preconizam, tanto para os *nonnos*, quanto para eles próprios, observam as hierarquizações e a obediência às normas rígidas, impostas pelos *nonnos*.

A Festa da Polenta, assim, pode ser classificada como um combinado de tradições, do passado, e, do presente, que se unem em função de engajamentos, identificações reais em relação à pertença do grupo de descendentes de imigrantes italianos. Para os participantes/ajudantes engajados, e nem todos descendentes de imigrantes italianos, embora estes predominem, a Festa é fruto dos ensinamentos de seus pais, avós, e outros parentes diretos; porque, no caso, a maioria das famílias ligadas ao festejo é nuclear. Nas entrevistas, vê-se que as famílias de descendentes de imigrantes de primeira leva, e que, trabalham, na Festa da Polenta, buscam reivindicar para as esferas da memória particular todo o acontecimento histórico da imigração como um fenômeno coletivo.

Pode-se afirmar, ainda, que os filhos das famílias engajadas no festejo aprendem qual é o significado da Itália e de todos os elementos culturais que os imigrantes de primeira leva deixaram, sendo reproduzidas, até o presente, de forma a exaltá-los. Tem-se, então, um domínio real no qual os descendentes afirmam a distância da

---

<sup>22</sup> Existem dois grupos de danças típicas italianas: Gruppo di Ballo Granello Giallo para adultos e Dei Bambini para crianças.

Itália, mas um imaginário que dela os aproxima. Para os locais, o aspecto de reunião familiar, do encontro com aquelas pessoas com as quais não se tem contato sempre devido ao trabalho, é um dos aspectos mais valorizados, como afirma uma entrevistada, representando a percepção de outros:

É muito importante porque eu sou de família italiana e desde que eu era muito pequena meus avós já me ensinavam as músicas italianas, músicas que eu sei até hoje .... é a forma de eu me passar pelos meus *nonnos*, de poder lembrar a história que eles tinham, sabe? (entrevistada Flávia).

A fala em questão corrobora a percepção identitária da memória, na medida em que a presença de uma Itália que existiu, no século XIX, hoje, existe somente nos hábitos cultivados por meio das tradições inventadas, no caso a Festa da Polenta. O passado é mantido a fim de sustentar a imagem viva dos seus antepassados por meio de elementos do presente. Esse passado é mantido pelos atores históricos aqui dedicados, participantes/ajudantes descendentes ou não, envolvidos no processo de organização da festa. Neste sentido, o tombo da polenta (cozimento de meia tonelada de fubá em uma panela de ferro em tamanho grande, com uma treliça para erguê-la do fogo a lenha e uma para abastecer toda a festa - Fotografia 4), tornou-se uma tradição. Isso, devido a necessidade de servir uma porção muito grande de polenta, na medida em que a Festa se ampliou. Contudo observa-se que, o tombo da polenta também, tem um fim de promoção turística da festa; aliás, este acontecimento passou a ser imprescindível.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Para fins de promoção do evento, inclusive de divulgação, o Tombo da Polenta é hoje o principal evento.



FOTOGRAFIA 8 – Tombo da Polenta  
Fonte: [www.radiofmz.com.br](http://www.radiofmz.com.br)

Aponta-se que pessoas não integrantes do grupo dos *nonnos* são responsáveis por trazer inovações à festa, como o tombo da polenta e a faixa, na entrada da cidade – que, na atualidade, vê-se um lado comercial no evento, não exaltado durante as falas, mas bem delimitado, devido a potencialidade turística construída para a região. A produção rural hoje é voltada ao agroturismo, mas, também, ao produto Festa da Polenta, que aumenta o volume do turismo rural da cidade.

Conforme postula Sahlins (2006), a história é um exame, tanto pessoal, quanto coletivo, a respeito dos fatos que se constituem como aglutinadores da formação cultural, de todos os entes envolvidos, no processo de construção definido como memória social coletiva. Neste sentido, os mais novos têm um papel importante na reelaboração da festa e das suas relações com o agronegócio familiar que movimentam a cidade. Isso explica, em parte, o fato de que não descendentes de italianos atuarem como participantes/ajudantes, pois a realização da Festa constitui uma importante atividade cultural e econômica.



A história e a cultura na Festa são uma ação retórica desempenhada pelo homem, fazendo com que esta retórica ganhe ares de pertencimento, dentro e fora do olhar, daqueles que fazem parte do grupo para os seus semelhantes (SAHLINS, 2006). Também, indica-se que a festa é, o hoje, das tradições, de ontem; sua representação e reivindicação de pertença. Severino (2012) defende a ideia de pertencimento como elemento estruturante para a fundação e manutenção de festas alusivas à imigração de italianos para o Brasil.

A festa de italianos, conforme Severino (2012), é um aglutinador de forças dos participantes/ajudantes em favor de uma cidade, assim como, de uma coletividade imaginada. O que conta, aqui, não é a expressão da felicidade e sim a elaboração do rito de um grupo com um propósito, que tem um começo e um final, não importando o tempo de duração, e seus intervalos, em favor da história, ou de suas transformações, mesmo que casuais.

Observa-se que há uma divisão do trabalho: *nonnos* no comando, e os outros participantes/ajudantes, sob esta tutela social e política. Essa divisão se apresenta, na Festa da Polenta, como um estabelecimento de identidade dos promotores da Festa (descendentes de italianos e/ou cidadãos de Venda Nova do Imigrante), e ajudar na Festa traz uma importância social distinta, denotando concordância com o grupo politicamente dominante no município.

A divisão do trabalho, na Festa, pode ser observada no modo de agir dos participantes/ajudantes e dos *nonnos*. Estes últimos dominam todo o conjunto de decisões da esfera administrativa do festejo, de modo que os outros compartes não participam diretamente deste conjunto. Esta relação de trabalho fica bastante aparente, quando na procura por informações, durante a coleta de dados da pesquisa, referentes às tarefas, era direcionado, em todas as ocasiões, a buscá-los com um membro específico da diretoria – um *nonno*. Percebeu-se, quanto a organização da montagem da festa que, somente os homens são admitidos, e no desenrolar do festejo, as mulheres cuidam da comida, e os jovens a servem.

A vivência da festa é coletiva, o município se prepara de maneira bem particular, em uma esfera da coletividade, porque grande parte dos organizadores/participantes se engaja para a realização do evento da cidade. Os efeitos da Festa para a população transcendem aos dois fins de semana nos quais ela é aberta ao público. Existe uma preparação privada, das famílias, e uma coletiva, que começa, de fato, no mês de

julho, com as atividades voltadas para o resgate da cultura italiana.

O presente é o espelho do passado, é representado Ricouer (2007). Sendo assim, o voluntário de hoje, na Festa da Polenta, é espelho do voluntário, do início do festejo, 35 anos atrás. Este reflexo é fruto de dois comportamentos bem definidos: em primeiro lugar, a transmissão familiar, na qual os mais próximos ensinam a fazer parte do círculo de trabalho; em segundo, a observação e o acompanhamento dos pais e parentes mais próximos, nas atividades relacionadas à Festa, desde a mais tenra idade. Presencia-se que é feita uma modalidade de trabalho, durante a realização da Festa da Polenta, na qual os pais trabalham em equipe com os filhos, desempenhando tarefas mais simples. Portanto, há uma valorização da dimensão cultural das relações de trabalho coletivo, recuperando-se as relações de meeiros e colonos, tal como, no século XIX.

Por modernização da produção, hoje, não se utiliza, o sistema de produção por mutirão, tal como no passado. Contudo, as cooperativas de agricultura ainda são presentes e atuantes, relembrando o plantio e a colheita do passado em virtude da festa. Estas, por sua vez, contribuem para a realização da Festa da Polenta na que medida que doam os produtos para o evento e nela investem, com quantias financeiras. Cabe frisar que as cooperativas participantes são do município ou de localidades próximas, mesmo que alguns membros não atuem diretamente na Festa.

A Festa da Polenta passou a alumiar os negócios locais fazendo com que algumas pessoas, antes envolvidas diretamente, no festejo, passassem a priorizar a lida com os negócios privados. Esses negócios atendem de forma paralela o público que frequenta a Festa da Polenta com turismo, nas propriedades rurais da região.

Não trabalho mais na Festa. Vem muita gente aqui na loja... não dá tempo.  
(Entrevistada Paola)

O passado acabou por iluminar o presente, porque a reprodução das atividades do passado acabou por virar fonte de renda no presente, sendo o trabalho primitivo resgatado, não só pela tradição, mas pelas atividades que geram renda para a localidade. O habitante que não está ligado a terra por meio de um passado, ficou ligado a uma terra por circunstâncias fora do seu controle, como por exemplo, a localização das terras destinadas aos imigrantes. A maneira prática como a

colonização brasileira se desenvolveu culminou na forma como o trabalho, por vezes, é organizado, principalmente, quando é mantida uma forma que remete às origens dos ocupantes da terra.

O modelo italiano que se desenvolveu em mais de uma área de ocupação colonial não é uma exclusividade de Venda Nova do Imigrante. O que confere ao modelo italiano uma categoria própria é a forma como esta transformação deu origem à participação popular na Festa da Polenta. O modelo de trabalho empregado no evento tem por objetivo reproduzir as relações de trabalho de outrora, sendo que o fato de existir o trabalho voluntário é, na verdade, o sistema de parcerias aplicado sem compromisso de obter lucro particular.

As falas, os gestos, a cultura privada e coletiva são objetos de leitura da história do imaginário, e esta se preocupa em contar a história do presente, que se estabelece por meio da transformação do passado e é a reinvenção das tradições. Logo, uma comunidade é estabelecida por meio de uma cultura própria, constitui-se em local com elementos únicos, particulares, que a torna bem peculiar. O trabalho dos descendentes, neste caso, ganha papel principal, porque é a ressignificação do seu passado histórico. O trabalho, na agricultura e pecuária, fica sendo o objeto de debate, porque é um elemento de coesão e transformação, na comunidade. Se no princípio havia a ajuda mútua, por razões de dificuldade de cultivo da terra, hoje, é retratada esta vivência por meio das atividades da Festa.

A Festa da Polenta se traduz como a reinvenção presente dos eventos ocorridos, no passado. Em Venda Nova do Imigrante, o passado é representado de modo que a cultura e a memória dos percalços - a fuga da Itália pobre e as dificuldades em chegar às terras agricultáveis - não se apaguem, e continuem a fazer parte do imaginário dos habitantes. Nesse sentido, surge a festa como ponto de reunião dos hábitos rurais que, começam no plantio do milho manual, até a feitura da polenta, como forma de atualizar, hoje, o passado.

A festa em estudo representa a cultura mítica do imigrante italiano, como pequeno proprietário agricultor, que se utiliza da mão de obra familiar e do sistema de mutirão. O sistema referido é a permuta, entre famílias, à época da colheita, uma vez que, a mão de obra era escassa e baseava-se, por vezes, apenas, na ajuda da família nuclear e ampliada, para poder sustentar a propriedade.

A família, no contexto da Festa, é entendida como portadora de saberes, tanto do passado quanto do presente. Ela se apresenta como mais uma das memórias coletivas que são representadas e reverenciadas, pois são responsáveis pela marca de personalidade da Festa. Verifica-se que, cada família, como conjunto de sujeitos organizados, de maneira nuclear, e patriarcal, na qual o homem é provedor deste núcleo social, desempenha a tarefa que estiver disponível para ser feita, tal como outrora.

A atividade dos jovens participante/ajudantes, na Festa, é um caso de identificação histórica de trocas, no presente, e, de um passado, ao qual eles foram apresentados em sua vida privada. Esse passado que, no caso estudado, não é de alegria e exultação. Perez (2002) alude que a festa possui uma dimensão histórica, sociológica e social; e assim, ao afirmar que Festa não é sinônimo de alegria, já que envolve múltiplos outros sentimentos, se configura como mecanismo de coesão social.

Por mais importante que seja a participação dos jovens, caracteriza-se uma hierarquia que deve ser seguida. São concedidos espaços de mudanças e novas ideias, mas dentro de um limite baseado na idade e nos ideais plantados pelo Padre Cleto Caliman. Tanto os idosos, quanto os jovens, têm consciência de que as suas lembranças não mais existem na Europa.

A Itália não nos interessa...o que importa é homenagear nossos *nonnos* hoje lá não tem mais nada disso gostaria de levar isso para lá. (Entrevistado Marco)

Essa consciência da hierarquia os faz investir ainda mais na preservação de alguns costumes, que vão muito além da fazenda, e são reproduzidos de modo cultural, na programação da festa. Portanto, atualizar a Festa quer dizer tornar os jovens participantes de tal evento; não produtores de um discurso, mas promotores de ações centradas nas suas representações pessoais do que veio a ser a imigração. Todo o foco deste processo acaba na festa e em seus desdobramentos, ao longo do ano, em maneiras mais privadas, como na serenata e nas feiras de divulgação da Festa da Polenta.

Os participantes/ajudantes que atuam em sua organização têm uma compreensão familiar do evento, fazem dele uma analogia, em grande escala, com as reuniões promovidas ao redor do forno à lenha. Também, com reuniões que ocorrem em

ocasiões de comemoração familiar, na celebração das memórias dos *nonnos* e *nonnas*:

A gente se reúne para celebrar com a família, lembrar as histórias dos nossos *nonnos* e a lembrança sempre muda (Entrevistado Claudio).

Portanto, para a festa continuar pelo menos, no presente, a família é o seu principal triunfo; uma vez que, necessita da transmissão dos conhecimentos multifamiliares (dentre as promotoras do evento) para contar uma história que perdura através do tempo. A festa é atualizada, com a agregação de novos elementos, a esta celebração, do século XIX, que ocorre, no XXI.

#### 4.3 LUGAR REAL E IMAGINÁRIO DA FESTA

Os ambientes e as formatações, da Festa da Polenta, são elaborados como desejados, no espaço da festa. Conforme as figuras abaixo, se pode observar que foram reconstruídas, fisicamente, as estalagens de uma fazenda, do século XIX – com a Casa da *Nonna* e o Paiol do *Nonno* – Fotografias 9 e 10.



FOTOGRAFIA 9 - Casa da *Nonna*

Fonte: Foto de ADAME, Dedrinkson, 2013



FOTOGRAFIA 10 - Paioi do *Nonno*  
Fonte: Foto de ADAME, Dedrinkson, 2013

Vê-se que o espaço da festa busca recriar o ambiente rural capixaba, do século XIX, por meio de um celeiro feito de madeira e telhado de sapê. Nesses celeiros os senhores mais idosos (*nonnos*) cuidam de moer a cana, fazer o melado e o açúcar, cozinhando o caldo da cana em tacho sobre fogão a lenha, conhecido como *Paioi do Nonno*. A *Casa da Nonna* espelha a sede da fazenda, feita de madeira, com assoalho, também, em madeira, e fogão de lenha, onde as mulheres mais velhas ficam a caráter, bordando e recebendo o público.

A cozinha, onde são servidos, polenta, macarrão, frango frito e linguiça frita; também, é o palco de danças típicas - que fica à direita do espaço do caldeirão, centralizado, no Centro de Eventos, fotografia 11. Neste ambiente é cozida, até uma tonelada de polenta, de uma única vez - ponto alto da festa, atualmente, pois o tombo da polenta,<sup>24</sup> é atração mais aguardada e comemorada pelos turistas, devido à quantidade e à complexidade da tarefa.

---

<sup>24</sup> É o ato de entornar a polenta mole do caldeirão em recipientes menores para ser fracionada e servida, utilizando polias e correntes – engrenagens mecânicas.



FOTOGRAFIA 11 – Uma tonelada  
Fonte: Foto de ADAME, Dedrikson, 2013

O alimento polenta, para os envolvidos com a organização é tratado, pela comunidade promotora do festejo, como um patrimônio cultural histórico imaterial dos descendentes de italianos residentes, no município de Venda Nova do Imigrante. Uma vez que este alimento se configura como uma das formas de se conectar ao passado, e também, de se projetar em relação aos grandes centros, tal como sonhava o Padre Cleto Caliman.

A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216<sup>25</sup>, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. A Unesco (2006) ratifica que, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas.

É essa condição que se verifica em Venda Nova do Imigrante, uma vez que os habitantes da cidade participantes/ajudantes da Festa entendem a polenta como um patrimônio e o preservam de maneira comunitária. Para poder analisar este alimento como fonte de herança imaterial, por parte deste grupo restrito, deve-se lembrar da contribuição dos imigrantes peninsulares, na atribuição da polenta como patrimônio.

---

<sup>25</sup> A legislatura se baseou nesta lei para determinar a polenta patrimônio, mesmo que de maneira não oficial, com o objetivo de promover a Festa da Polenta no seu aspecto turístico, visto as regulamentações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Sendo assim, observa-se a presença de símbolos e marcas, tais como, as canções, vestimentas, danças e reuniões, que acompanham o consumo dos pratos, à base de polenta, frango e carne de porco, que delimitam o passado na cultura vendanovense. Ainda, esses símbolos, balizam o seu presente, por meio de homenagens, na forma de vestir, de fazer, de plantar, de colher e de comer, trabalhadas, na Festa, como retorno simbólico, ao século XIX, mostrando como, o presente, se entrecruza em uma ressignificação, do passado, na Festa da Polenta.

Conforme dito, de acordo com Ricouer (2007) e Yates (2007), a tradição é uma marca produzida pela memória dos *nonnos*. Ela constitui-se um dos fatores que fazem com que objetos, danças, linguagens e comidas se mantenham presentes como fio de condução da história. Seria, portanto, a ligação entre os pioneiros da imigração, no século XIX, de Venda Nova do Imigrante, e seus legados, no século XXI.

Nesse sentido, a ligação entre o passado e o presente, se constitui quando os participantes/ajudantes delimitam e categorizam a polenta como um alimento de devoção e de recordação, que se faz, no hoje, continuador da memória. Essa lembrança é um espaço no qual todos os sujeitos identificados com a polenta, como geradora de memória coletiva, a tornaram um ponto a ser acessado; tal como um lugar, no seu sentido físico, o Centro de Eventos.

A polenta, então, para a comunidade estudada, faz a articulação entre o lugar e o tempo histórico, a terra do ontem, com a do hoje, promovendo lembranças particulares e coletivas. Mas, é essencial que essas representações sejam lembradas de uma forma específica. Todavia, verifica-se uma dualidade para a compreensão dessa memória e dessa herança imaterial: o público – festa; e o privado – casa; o dentro; e o fora, da realidade de uma comunidade unida em torno de uma mesma matriz cultural. Segundo Da Matta (1997), privado significa o lugar dentro do qual se cabe, e que não se dá a conhecer a todos. Já o termo público, tem como sentido tudo que pode ser visto e ouvido, por todos, com a maior amplitude possível.

Deve-se mencionar que, algumas situações específicas ganham um tom pessoal, que é reservado ao lugar da Festa. Por exemplo, o ato de plantar e colher o milho, marcados, na programação oficial, como sendo parte da festa, reafirmando o entrelaçar, entre o passado imigrante e o presente de recordações:



O plantio acontece sempre no mês de abril. Crianças, participantes/ajudantes e adultos se reúnem para cumprir a primeira parte do ritual com a mesma simplicidade dos tempos antigos: roupas, comidas para o lanche e música para confraternizar no final.<sup>26</sup>

Portanto, quando se pensa no espaço ocupado pela festa e quais são os lugares que ela representa - em uma fazenda, tal qual o paiol e a casa grande - pode-se refletir, na articulação, do passado e do presente. Assim, ao se analisar os lugares no presente, torna-se necessário entender que eles se configuram como um pequeno esboço da história manifestada, hoje, por meio da arquitetura recordada.

Então, o que se verifica é um dinamismo da história que, na junção entre o passado e o presente, mostra como os costumes, em torno dos processos solidários, continuam a acontecer da mesma maneira; mesmo que condensados, em uma festa, e restritos a dois finais de semana por ano. O legado da ajuda, por meio do cooperativismo, se propaga na preparação e constituição da Festa da Polenta como uma solenidade local, evidenciando suas características de resgate do passado voltado à população da região. Verifica-se que os descendentes vivenciam uma aproximação, entre o passado e o presente, através das atitudes em torno do trabalho na Festa, postulando uma forma particular de fazer e se comportar, ligando-se de maneira importante ao passado.

Porque a festa é uma tradição aqui em Venda Nova e não tem como ser diferente essa tradição. É, tem de manter essa tradição...a flor da pele como se diz, para continuar o resgate de *nonnos* e *nonnas*, dar continuidade ao trabalho que eles começaram e poder ter eles trabalhando junto com a gente... (entrevistado Nelson).

Outra fala, de um dos entrevistados, mostra como a festa é importante, para o resgate e para a integração, dos antigos com os mais novos, evidenciando o aprendizado natural entre gerações:

Consegue, com certeza consegue... isso integra as pessoas mais novas e os mais velhos, seguindo a tradição desde pequenininho, né? Os mais velhos levam os pequenininhos para ver como é, divulga na escola... os mais velhos vem com jogos, danças típicas e sempre os pratos típicos, né? Que são sempre bons (entrevistado Nelson).

Deste modo, os descendentes têm recebido de seus pais e avós o ensinamento de que a tradição é muito importante para o lugar, devendo ser reverenciada e

---

<sup>26</sup> [www.festadapolenta.com.br](http://www.festadapolenta.com.br)

lembrada por todos aqueles que partilham do círculo da italianidade, como sentimento daquele lugar. A história continuaria a ser escrita de maneira a perpetuar a cultura em torno de uma festa de religação com o passado.

Nós fazemos tudo sempre acompanhado de nossos pais, mas com o apoio dos nossos *nonnos* (entrevistada Marco).

Quando se retorna à discussão da memória, dos ensinamentos e das relações sociais estabelecidas, a partir desta construção, tal como aponta Ricouer (2007), identifica-se uma “confissão” de tempos passados, com a transmissão dos ensinamentos a respeito da cultura local. Assim, objetiva-se demonstrar o papel da memória coletiva, na tessitura de memórias e tradições que não podem mais ser vividas, semelhante ao passado - cujos idosos têm papel fundamental como condutores e portadores da memória coletiva. Nesse aspecto, a festa é caracterizada por apontar um modelo de trabalho baseado no cooperativismo, conforme é marcado por Putnam (1996), e por representar, na perspectiva de Ricouer (2007), o lugar de guarda da memória que, nesse caso, é bem peculiar.

Dentro de um contexto de marcas profundas, no processo de imigração, a Festa da Polenta se insere como demarcador de temporalidade, resgatando uma cultura que outrora fizera parte da realidade dos imigrantes. Trabalha-se, portanto, a maneira pela qual o cooperativismo social se estabeleceu, ao longo da história, e firmou suas raízes, no presente, nas relações sociais que o evento sucede. Por conseguinte, afirma-se que o sistema de cooperativismo, apontado por Putnam (1996), é factível com a realidade vendanovense e identificado nos comportamentos, observados em entrevistas e na gravação do vídeo.

A organicidade que é constatada na forma de se elaborar e praticar o trabalho, na festa, segue a preocupação não perceptível de estabelecer proximidades com a história do trabalho de outrora, elaborando e reelaborando o passado. A ideia de transmissão de cultura é presente e estruturada pelos organizadores da festa em todos os seus níveis, sendo tal concepção apontada como a marca do evento, na qual a família seria o alicerce desta cultura, em nível local. O trabalho no ambiente específico da festa pode ser atribuído como uma lembrança coletiva da atmosfera que era presente no passado de ocupação do município.

É possível fazer uma relação entre a festa e as formas de trabalho pioneiras,

conduzindo à ideia de que busca resgatar as histórias do passado, para poder, assim, montar a história que ainda está para ser escrita. Enfim, percebe-se que a festa traz à luz o legado de uma cultura, tanto no trabalho, quanto em todos os domínios da região, na qual os costumes tradicionais italianos continuam vivos e contínuos, pois a cidade criou uma identidade por meio da Festa.

“Eu sempre trabalhei no bar, meu tio coordena lá e meu pai trabalha nisso, então quando eu completei 18 anos continuei trabalhando no bar só que oficialmente...como voluntário mesmo” (Entrevistado Augusto).

A instalação de toda a infraestrutura que compõe a Festa está demarcada pela organização e capacidade de sua manutenção política, além do controle, por parte de uma minoria. Essa minoria detém controle social e político, que decorre das articulações feitas quando houve o estabelecimento dos imigrantes italianos, principalmente, quando relacionadas ao trabalho no campo.

#### 4.4 IMAGINÁRIO E POLÍTICA NA FESTA

A cultura do trabalho familiar, em Venda Nova do Imigrante, faz com que se tenha peculiaridades próprias a respeito de uma coletividade de trabalho, em torno da festa. A população local representa o passado por meio das relações de trabalho coletivas, durante os eventos que compõem a Festa da Polenta, tornando bem nítidas as transições, do passado para o presente.

Destarte, as relações coletivas de trabalho são também fruto de uma transmissão histórica familiar expandida; todas as formas de trabalho ensinadas são reproduzidas na medida em que são cabíveis, quanto ao tempo da história, presente e passado. Assim, passado e presente se entrecruzam para poder se materializar na forma de uma expressão cultural bastante organizada, tal como a Festa da Polenta, que guarda, ainda, muitos elementos do passado de colonização.

Para os atores envolvidos, na festa, o trabalho é o sentimento de nela ser voluntário, mesmo que as duas coisas sejam conceitualmente distintas. Em suma, o que eles chamam de trabalho voluntário é, na verdade, a ressignificação do trabalho de

parcerias, do século XIX. Assim, a memória é aquilo que não é acabado, são as atitudes de uma comunidade. Logo, pode-se concluir que ser voluntário é representar aquilo que não foi possível viver, mas é recriado por meio das ideias coletivas.

O trabalho, nesse cenário, incorporado como algo cotidiano, acaba por ganhar novos significados e simbolismos, no campo das memórias desta comunidade. Ele representa, na Festa da Polenta, o resgate das formas de emprego, de outrora, pois todas as relações são baseadas, no passado, de cada família; as tradições perdidas são resgatadas, e as tradicionais, mantidas, na forma de apresentações culturais. A memória coletiva familiar se apresenta como motor que conduz essa maneira de organizar o trabalho. Ainda, de repartir o tempo em função da Festa, ordená-lo em todos os sentidos, porque para o evento acontecer depende de trabalho na lavoura, plantio, colheita, enfim, todos os processos envolvidos - e que são implementados pela comunidade, antes da Festa.

Nesse sentido, o trabalho do participante/ajudante, na festa, acaba por ser o produto da transformação das relações com o trabalho na lavoura, assim como o voluntariado familiar, que reproduz as formas de divisão social do trabalho de outrora, *nonnos* em determinadas tarefas, e *nonnas*, em outras, agora feitas por seus netos.

Em especial, o trabalho, na Festa, guarda a sua particularidade, devido a maneira como ela foi estabelecida, tanto a festa, como a forma de colaboração para a sua realização. Esta é o imaginário coletivo em concretude. Pensando no tema central desta produção, estabelece-se um patamar de análise que transcende as barreiras do campo pessoal e atinge sobremaneira a coletividade. Por consequência, o trabalho é considerado um bem importante para o grupo envolvido, na Festa da Polenta. As terras, neste lugar, em sua maioria, são formadas por propriedades pequenas, divididas de forma familiar, reduzindo ainda mais o seu tamanho. Assim, a vizinhança é familiar, retroalimentando o velho costume de dividir o trabalho na colheita.

Os imigrantes de Venda Nova foram fruto do processo no qual o imigrante deveria ser atrelado a uma terra. No entanto, como outrora, o imaginário da terra ideal continua presente na localidade, porque ainda se necessita, com bastante intensidade, de investimentos oriundos do governo do Estado do Espírito Santo.

Vale ressaltar que esses investimentos chegaram ao município pelos continuadores da força política que o Padre Cleto Caliman representava, quando vivo, e continua representado, agora, no imaginário da coletividade participante/ajudante da Festa da Polenta. Portanto, a Festa, aparece como produto da reinvenção coletiva da elaboração de um evento político e social, que se tornou o cartão de visitas da cidade, tornando-se um negócio desbravado, tanto pelos locais, quanto pelo governo do Estado - que buscou, no evento, agregar valor aos produtos de sua agroindústria. O pacto é de permanência do passado, transferido às necessidades do presente, sendo que isto não deixou de ser a característica do festejo, mas um trampolim para a busca de debates políticos, econômicos e sociais; tanto por parte do município, quanto para o Estado, como evidenciado na fotografia 12. É a cultura se ligando à política e à economia, percepção que o fundador do festejo teve, desde o momento em que criou a Festa da Polenta, com a intenção de promover entretenimento e união interfamiliar, marcada pelas lembranças dos imigrantes italianos e de seus descendentes.



FOTOGRAFIA 12 – A participação política do ex-governador Renato Casagrande no corte da polenta  
Fonte: [www.montanhascapixabas.com.br](http://www.montanhascapixabas.com.br)

Assim, a Festa da Polenta é a união entre cultura e investimentos, sempre como fonte de persuasão, para o grupo de participantes/ajudantes e para o governo.

## 4.5 PRODUÇÃO ITALIANA: INVENÇÃO E REPRESENTAÇÃO

O trabalho familiar e a cooperação entre as famílias se interligaram para formar o principal modo de trabalho dos primeiros imigrantes, vindos para o município de Venda Nova do Imigrante, bem como para outros lugares, no Brasil. Os imigrantes e suas redes familiares tiveram uma grande importância para a geração de uma classe média, posteriormente.

Em Venda Nova do Imigrante, esse processo notabilizou-se pela implantação da agricultura familiar e investimentos locais, nos roteiros turísticos que conduzem o visitante a entrar em contato com essa realidade dos imigrantes, do século XIX, juntando conhecimentos familiares e a necessidade de gerar renda. A família, nesse contexto, tem um papel na construção da história do presente, pois em sua função privada guarda as relíquias culturais que o festejo valoriza. Logo, o ambiente doméstico é representado por meio de uma estrutura conhecida como “*Casa da Nonna*”.

Neste espaço são reproduzidas as conversas no fogão de lenha, nas quais as *nonnas* e suas descendentes ficam vestidas com roupas que remetem ao primeiro ciclo de imigração e desempenham a função mais tradicional do feminino: receber e bem servir os convidados. Há o engajamento de mulheres na função de representar um passado que ainda se faz presente, em especial, na construção e concepção de família nuclear e patriarcal, construção por vezes confundida com a cultura italiana em uma visão mais ampla (fotografia 13).



FOTOGRAFIA 13 – O Nonnas in lavoro  
Fonte: [www.montanhascapixabas.com.br](http://www.montanhascapixabas.com.br)

Na atualidade, o que se verifica em relação à família é uma preservação, até certa medida histórica, a sua reinvenção, conservando hábitos em detrimento de um projeto cultural espelhado no passado. O sentido simbólico, no caso, é muito mais explorado pelos praticantes dessa cultura presente no imaginário coletivo. A família, no contexto, é uma entidade que se molda segundo o passar dos tempos, mas a tradição nela se conserva em determinados aspectos, fazendo com que a memória permaneça viva no imaginário, fazendo com que os sujeitos continuem a produzir a festa tal como é conhecida. Ainda, existe a família, de dentro da casa, e a apresentada ao público, durante a festa, que deve ser considerada um arranjo em prol do evento, como na fotografia 14.



FOTOGRAFIA 14 – *Lavoro in famiglia*  
Fonte: Girão, Filippo Carpi

Evidencia-se, assim, que os modelos adotados por descendentes são derivados de sua memória, em relação à antiga divisão, em sistema de solidariedade e cooperativismo. Esse modelo é transmitido pelos *nonnos* quando contam as histórias de seu passado. É possível afirmar que a forma solidária de fazer a partilha da produção é fator importante para a Festa, mesmo que o critério de horizontalidade e hierarquização permaneça presente, durante muito tempo, podendo até ser relacionada com o modo de divisão de funções na Festa da Polenta.

Dessa forma, a Festa é um *locus* de identificação, onde as diretrizes são determinadas pelos *nonnos* e *nonnas*, de Venda Nova, em um processo que se caracteriza pela identificação cultural, principalmente, por meio dos alimentos. A comida é entendida como uma mistura de culturas, mas que não se limita a isso, pois se estende ao espaço da Festa, às construções, às danças e às outras atividades.

Os fazeres e as práticas – o trabalho na organização da Festa – conduzem a história em torno da polenta, colocando este alimento como centro das atenções da cultura



que, hoje, pode-se definir como sendo ítalo-brasileira. A combinação de sabores que conta uma trajetória, também, testemunha o sofrimento dos imigrantes:

“Meu marido não tinha o que comer...quando era criança ele comia polenta em todas as refeições...ele diz que era pouco, mas nunca passou fome, sempre tinha o que comer...a polenta sustentava ele e os irmãos.”  
(Entrevistada Francesca)

Nesse viés, sentir, viver e sofrer, pelo passado, é uma busca para os participantes/ajudantes. A polenta constitui-se uma metáfora da vida, da sobrevivência e da vitória nas dificuldades, a fim de manter vivo o legado dos antepassados. Ainda que, para isso, se faça uma nova construção do passado, inserindo-se nos relatos, entrecruzando os tempos, de modo a viver a cultura. Os *nonnos* e *nonnas*, aqui, trazem consigo uma representação do passado imaginado pelos mais novos, celebrada no processo de se obter a polenta, desde o plantio, até o alimento pronto.

Para os descendentes de italianos de Venda Nova do Imigrante, os alimentos – macarrão, frango, polenta e porco - lembram a presença dos antepassados na vida cotidiana. Neste sentido, o que buscam é uma geografia identitária e emocional, baseada na memória social e coletiva, marcando comportamentos que visam relacionar o território da região à geografia italiana, bem como aproximar a alimentação dos antepassados imigrados, ao Brasil.

Contudo, propõe-se ter cautela ao analisar a historicidade desses comportamentos, vistas as formas e modelos de organização dos primeiros italianos, do norte, que, no Brasil, desembarcaram, os quais fortaleceram a cultura italiana e permitiram a sua mescla com a brasileira. Para Ricouer (2007), esse cuidado se faz importante pois, para ele, a memória é uma fenomenologia própria do coletivo:

Uma fenomenologia da memória, menos sujeita ao que arrisco chamar de preconceito idealista, pode extrair da concorrência que lhe faz a sociologia da memória uma incitação a se desdobrar na direção de uma fenomenologia direta aplicada à realidade social, no cerne da qual se inscreve a participação de sujeitos capazes de designar a si mesmos como sendo, em diferentes graus de consciência refletida, os autores de seus atos. (RICOUER, 2007, p.138)

A Festa da Polenta, portanto, se encaixa como um caso de memória coletiva aplicada, assim como a forma de trabalho que a viabiliza. Isto porque, acaba sendo uma reprodução do passado com as características do presente, ocorrendo uma

transformação histórica e social aplicada. Na festa, todos participam porque foram ensinados a fazê-lo. Sendo assim, este fazer se coloca como elemento da memória que não cai no esquecimento, é apenas realocado no tempo.

O trabalho, na Festa da Polenta, chamado pelos locais de voluntário<sup>27</sup>, faz com que a singularidade de uma coletividade de trabalho seja observada. Para os atores envolvidos na Festa, o trabalho, na verdade, é o sentimento de ser voluntário, mesmo que as duas coisas sejam conceitualmente distintas. Em suma, o que eles chamam de trabalho voluntário é a ressignificação do trabalho de mutirão<sup>28</sup>, do século XIX.

Deve-se considerar que ser voluntário é representar aquilo que não foi possível viver, mas é recriado por meio das ideias coletivas. Desse jeito, a festa produz um significado plural, dentro das tradições locais, visto que há dois segmentos de participantes que a reverenciam de forma diferente: os *nonnos* já cristalizados na tradição; e os jovens, que buscam a sua ressignificação, no presente, projetando-se, no passado, não vivido – advindo das tradições familiares privadas. Os ensinamentos dos mais velhos, conseqüentemente, representam o acesso dos mais jovens à memória do passado. São as marcas, fontes do presente, a respeito de um passado que não pode ser acessado pelas fontes orais tradicionais, cabendo, então, a combinação de fontes.

O fazer da polenta é o ponto de partida dessa tradição, uma história de longa duração de permanências e transformações dialéticas; como aponta Ricouer (2007), um lugar pertencente às trocas culturais regionais. Braudel (2009) afirma que o tempo presente, dentro dessa longa duração, é o elemento de conexão com o passado, analítico com a cultura, transformador, renovador e mantenedor dos fazeres.

A lida com a terra e a hierarquização familiar são aspectos mais evidentes quanto a essa transmissão de saberes, os resgates, do passado, nas canções, na comida e no trabalho, fazem com que estes sujeitos se sintam pertencentes a uma cultura que é, tanto passado, como presente. Tal resgate se faz na ressignificação da tradição dos fazeres cotidianos, do ontem, e, do hoje.

---

<sup>27</sup> Voluntário é a maneira como os participantes/ajudantes se definem na lida da festa.

<sup>28</sup> Sistema de trabalho onde as famílias se ajudavam nos períodos de plantio e colheita tendo como pagamento sacas de café, milho e comida

Evidencia-se que a festa preserva alguns hábitos que são considerados, historicamente, como de longa duração, na concepção de Ricouer (2007), visto que não se pode afirmar a existência de rupturas. Afirma-se, em tal sentido, que existem transformações, com elementos que são modificados e outros que são mantidos: tais como as roupas, por exemplo, utilizadas nos festejos existentes na cidade.

As formações políticas da Itália pós-unitária não podem e não devem ser esquecidas quando se trata da imigração para o Brasil, bem como para o município em questão. Tendo em vista que as mesmas características, do século XIX, são preservadas, mesmo que de modo pequeno, através das ações políticas que contemplam a preservação da história, de uma parcela da população local, como no caso da Festa da Polenta.

A juventude engajada na promoção da festa reproduz, no presente, uma história do passado não vivido, idealizado por meio das histórias de domínio coletivo. Ela refere-se aos *nonnos*, de uma maneira geral, com forte carga de pessoalidade e emoção, quanto às conquistas do passado, atribuindo-se, às do presente, o mesmo sentimento das conquistas dos imigrantes italianos que ocuparam a região, no século XIX. Portanto, a participação de jovens, na festa, é um caso de trocas, no presente, de um passado histórico ao qual eles foram apresentados em sua vida privada. Esse passado que, no caso estudado, não é de alegria, ele remete à dificuldades dos primeiros imigrantes ao ocupar a região; porque hoje, ao contrário, exaltam as alegrias e conquistas locais.

A religiosidade é outro fator importante para a análise das festas tradicionais e seus reflexos na juventude. Como são comunidades eminentemente católicas, as festas consideradas de tradição italiana, como representada na fotografia 15, surgem dentro da igreja, em seus pátios.



FOTOGRAFIA 15 - Missa das 10:00 h na Matriz de São Pedro Apóstolo  
Fonte: Radio FMZ – 2014

A Festa, então, tem para o jovem uma origem dupla: a familiar, uma vez que ele é introduzido, neste mundo, pela interferência de sua família; e a outra, a igreja, que tem papel crucial na condução desta tradição, sendo uma das responsáveis pelas permanências encontradas na festa.

Tem-se, para todo esse arranjo, o entendimento que, tradicionalmente, a Festa reflete uma organização hierárquica, pautada na tradição, do século XIX, na qual se permite que o jovem tenha uma liberdade de criação. Porém, tal criação tem de se situar dentro dos limites impostos, pelos mais velhos, no que tange ao respeito às tradições do passado, sobretudo quando o representam. Consequentemente, a festa é um lugar histórico de transmissão dos costumes dos mais velhos para os mais novos.

## 4.6 ALÉM DA TRADIÇÃO NA FESTA

O ingresso e a participação do jovem tem, na história, do presente, de Venda Nova, um reflexo bastante importante: o ingresso do que se pode chamar de moderno, o novo; não alinhado, em tese, às diretrizes dos diretores mais antigos - mas que, formularam a trajetória da modernidade com a preservação histórica. Dessa forma, existe a associação, no modelo de longa duração de Braudel (2009), do ingresso da juventude, na montagem da Festa da Polenta, e a sua gradual transformação, tanto em termos de modelo de preservação da cultura, quanto em matéria de abrir espaço para o comércio de produtos da agricultura familiar da região.

Ainda, o engajamento é produzido de forma local, no sentido inverso da hierarquização; os jovens assumem alguns postos sociais e, dentro deles, fazem a sua diferenciação, por meio de atitudes de associação à memória, em relação ao passado, em especial, nas recordações. Outra forma de apropriação da juventude é o tempo do verbo. Quando questionados a respeito da história, destes sujeitos e de sua família, eles utilizam a primeira pessoa para contar histórias de gerações passadas, se colocando como atores principais na construção do lugar.

Nós fazemos aquilo que os nossos *nonnos* faziam, fazemos tudo isso aqui em homenagem a eles, tudo o que nós fazemos é para homenagear eles (entrevistado Nelson, 26 anos)

A manutenção da Festa da Polenta está ligada ao círculo de cultura do município, é uma iniciativa juvenil de manutenção da tradição, porque faz ações durante todo o ano em prol da cultura italiana, contribuindo com a educação formal. A atualidade da Festa consiste na participação dos jovens, no seu sistema de cooperação e, na realização de uma Itália do passado, idealizada, a partir das lembranças dos *nonnos* e *nonnas*, mesmo que tais lembranças não sejam da Itália, mas sim da cidade no passado.

Assim, resgata sua cultura por meio dos contos orais, dos registros privados dos mais velhos, de modo que essa condição se materializa em estruturas que buscam recontar o ambiente doméstico; tais como, na *Casa da Nonna*, no *Paio do Nonno*, nas comidas típicas que são servidas - dentre elas, a polenta -, nas danças e cantigas de origem italiana. Mas, atualmente, a Festa não expressa, apenas, essa

tradição reinventada, mas incorpora outras atividades, que são fruto da contribuição dos jovens participantes, como nas imagens a seguir: da Serenata, fotografia 16; da Carretela, fotografia 17; do Panelaço, fotografia 18; e do Circolo trentino<sup>29</sup>, fotografia 19.



FOTOGRAFIA 16 - Serenata Italiana  
Fonte: Folha da terra, 2013



FOTOGRAFIA 17 - Carretela  
Fonte: Jornal Folha da Terra, 2014

<sup>29</sup> Grupo de cultura e política ligada a região de Trentino alto Ádige promotora de ações que resgatam o passado dos imigrantes dessa região italiana no Brasil na Itália e no mundo com a denominação em italiano *Trentini nel mondo*.



FOTOGRAFIA 18 - Panelaço  
Fonte: Jornal Folha da Terra, 2014



FOTOGRAFIA 19 – *Circolo Trentino*  
Fonte: [www.trentini.com.br](http://www.trentini.com.br)

O passado e o presente, da cidade de Venda Nova do Imigrante, se estabelecem como uma fonte inesgotável de transformações, em formato de apropriações dos modos de vida do passado. Esse modo de vida é atualizado de maneira a não destruir o passado, e sim torná-lo uma prática do presente, atual e simbólico, em relação ao que passou. A isso se agregou a modernidade por meio da juventude, em uma localidade rural, não perdendo essa essência, mas atribuindo qualidades novas a uma história já rica.

O participante/ajudante é - nos espaços que ele ocupa dentro da festa, tanto privados, como definidos por Yates (2007); quanto coletivos, definidos por Ricouer (2007) – o denominador dialético da história local. Ele busca coisas novas no senso de preservar, mantendo intocadas, as tradições que compõem a Festa da Polenta hoje. A festa, portanto, é um visitar às tradições, com objetivos e metas certas, determinações diretivas traçadas de acordo com a necessidade política e cultural do grupo de participantes/ajudantes projetados como dominante, no ambiente político da cidade, mesmo que de maneira relativa, visto a emancipação tardia da cidade.”De acordo com a ordem natural das coisas, a conseqüente invenção das tradições “políticas” foi mais consciente e deliberada, pois foi adotada por instruções que tinham objetivos políticos em mente” (HOBBSAWM, 1997, p.271)

Sugere Caliman (2009) que, o Padre Cleto, tomou a frente na montagem da festa utilizando a sua colocação política respeitada na cidade - tomando todas as providências para que a festa acontecesse em todos os seus detalhes, exercendo o poder político que o grupo composto e liderado por ele assumiu, tomando decisões na vida pública da cidade como um todo.

Reuni a patota, uns oito polenteiros (as), e lancei a ideia. Aprovação unânime. Sem saber como, quando e onde, reunimo-nos várias vezes, e sob sugestões práticas resolvemos fazer a Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante. Foi no colégio Salesiano, precedido de uma santa missa na Igreja matriz.<sup>30</sup>

A legitimidade do grupo de participantes/ajudantes se estabelece porque há um poder político vindo hereditariamente, sendo construído por meio de laços de parentesco e pertencimento a uma “família” comunitária. Essa “família” que congrega todos os sujeitos que integram as equipes de trabalho, que atuam, na

---

<sup>30</sup> [www.festadapolenta.com.br](http://www.festadapolenta.com.br)



Festa, ao longo destes trinta e seis anos de existência.

Marcada pelas tradições italianas e pela religiosidade, afirmou-se esse predomínio cultural, que veio a caracterizar a cidade. Com as atividades mais recentes, introduzidas pelos jovens participantes, a Festa ampliou o peso econômico e social, devido ao forte estímulo ao turismo e ao agronegócio que ela representa hoje. As fazendas se tornaram parte do roteiro turístico. Além disso, os jovens se integraram ao agronegócio.

A agricultura passa a ser tratada em termos de melhora da produção, em paralelo aos investimentos no turismo, que por sua vez transformou e modificou a Festa, de forma controlada, propositalmente, levando-a a ter uma dimensão maior, culminando com a maior circulação de capital econômico e de tomada de decisões, com a participação mais direta do poder público por meio do Governo do Estado e do Banco público, em toda a sua estrutura.

A ideia é representar o passado no contexto do presente, inserindo carros de boi, tratores, carros e motos, por exemplo, no desfile que, um século antes, era feito por muares (a Carretela) - fotografias 20 e 21:



FOTOGRAFIA 20 – A carretela hoje com bois  
Fonte: [www.capixabadagama.com.br](http://www.capixabadagama.com.br)



FOTOGRAFIA 21 – A Carretela hoje com tratores  
Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

O intuito disso é ora representar, ora reviver, aos modos do presente, um passado que não mais pode ser vivido. Assim, neste percurso da história, o trabalho vai se transformando com o passar dos tempos, galvanizando-se, ou se transformando. Contudo, a festa tem um papel próprio de manter vivas as formas de organização social vividas, séculos antes.

Tal como nos apontam Greabin e Viegas (2012), a história e a memória estão inseridas em um campo de subjetividade, na qual o sujeito se dispõe em ponto de aprendizado, que irá postular tudo que os participantes compreendem por ser conteúdo de sua formação cultural primária. Assim, a Festa como lugar de memória, se apresenta como espaço de domínio da história, pois os sujeitos daquele lugar passam a se identificar uns com os outros, em detrimento de uma história que é, tanto privada e pessoal, quanto coletiva, evidenciando como aquela localidade ganha contornos próprios.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FESTA COMO ITALIANIDADE

A Festa da Polenta é, para os seus participantes/ajudantes, o maior evento da cidade, de pouco mais de 23 mil habitantes; pensando no sentido amplo do que vem a ser a identificação com a mesma, quanto ao aspecto de pertencimento a um grupo social. O festejo se estabelece como um elemento de política dominante, articulado por parte da população local, parte descendente de italianos e, por um arranjo político e econômico. Nesse sentido, pretende se tornar hegemônico, com uma identidade que parte do político-cultural e perpassa o econômico e social.

A ideia de transmissão da cultura italiana está presente e é estruturada pelos organizadores da Festa, em todos os seus níveis, sendo apontada como a marca do evento. O alicerce é a família, que encontra no modelo de trabalho comunitário, em parceria, uma das configurações que sustentam e mantêm os resultados do evento.

Pode-se captar uma relação entre a Festa e as formas de trabalho pioneiras, conduzindo à ideia de que, o presente, procura resgatar as histórias, do passado, para, assim, montar a história que ainda está para ser escrita. Enfim, percebe-se que a Festa traz à luz o legado de uma cultura, tanto no trabalho, quanto em todos os domínios locais, nos quais busca-se demonstrar que a cultura italiana continua viva e permanece. Mesmo para habitantes da cidade não descendentes que construíram uma autoidentidade referenciada na Festa.

Desta forma, consideramos que a Festa é, conforme sugere Hobsbawm (1997), uma recriação da tradição produzida pelos antepassados, segundo os novos modelos de organização políticos e econômicos. Os participantes/ajudantes apresentam-se como verdadeiros artífices da memória, construindo a sua longa duração e justificando a manutenção da tradição pelas necessidades do presente.

Nesse caso, a italianidade é vista como mais importante que a identidade de outros grupos que habitavam e, ainda, habitam, o município. Observa-se que a identidade gera a representação de um grupo que se torna dominante, generalizando-a, na prática social e cultural. As relações de poder envolvem significados de pertença, ou não, por parte do grupo que, histórica e politicamente, domina o município. De modo que as tradições e festejos de uma parcela da população se tornam uma referência geral do município. Nesse sentido, a Festa da Polenta representa, de fato, uma

parcela dominante da política local, embora não seja a única.

O poder fica estabelecido de maneira social com a promoção da Festa da Polenta, quando a cidade traz para si a história de uma parte da sua população para ser contada como sendo a historiografia do município. Simultaneamente, a municipalidade consolida este poder, articulando, economicamente, as necessidades da parcela “italiana” do município, com a de todos, independentemente da concordância com a Festa da Polenta. Desta forma potencializa os recursos de agroturismo do município, ampliando a geração de renda.

Assim, neste trabalho buscou-se articular o conceito de italianidade com base em duas concepções caras à História: a de reinvenção das tradições, de acordo com Hobsbawm (1997), e a perspectiva de Ricouer (2007), sobre o tempo presente como composto de passado e presente -, para evidenciar os fazeres históricos do passado, em tempos de colonização, no Brasil; e, na atualidade, quando o festejo se faz presente a recriar e reinventar, o passado dos imigrantes, com as lembranças e invenções de seus descendentes.

Observa-se que a Festa da Polenta tem como pano de fundo da sua criação as identidades do passado, reconstruídas, no presente, por meio do imaginário. Conseqüentemente, proporciona um clima de mudança, por meio da cultura e dos conflitos que esta acaba por gerar no presente, desde as inquietações geracionais até as transformações dadas que não é tempo estático, mas que se transforma por meio da história.

A italianidade é criação de uma parcela de pessoas da cidade que pretendem manter coesas a sua afirmação identitária. Essa afirmação, que se expressa em seus interesses políticos, que se tornaram hegemônicos, e que determinam os fazeres sociais, por meio das histórias pessoais e coletivas, de uma parcela de habitantes, autodeterminados “italianos” de Venda Nova do Imigrante.

A teoria de Ricouer (2007) é muito rica quando traz em seu arcabouço teórico os conceitos de história e memória. Ele apresenta a ideia de pertencimento de uma determinada classe ou grupo social que se identifica de forma distinta, diferenciando-se de outros grupos sociais. No caso específico da Festa da Polenta, a identificação é com a italianidade, como forma de identidade.

A designação italianidade é, de fato, a forma que o grupo dominante, da Festa da Polenta, se identifica de maneira pujante, em relação à sociedade plural que existe na cidade. Venda Nova não é, como se viu, berço, somente, dos descendentes de italianos; ela, também, é plural. Contudo, o que se busca representar para além dos muros da cidade é a existência de uma soberania e uma organização maior, política e social, dos descendentes de italianos.

Portanto, pensar em italianidade, em Venda Nova do Imigrante, é pensar em fronteiras, entre o presente e o passado, e construção de identidades muito particulares, no que se refere a ser um italiano no município de Venda Nova do Imigrante. Observa-se que culturalmente, uma parcela da população do município se define como italiana, de Venda Nova, participante/ajudante, na Festa da Polenta. Garantindo-lhes estabelecimento simbólico de poder sobre outros grupos.

As reconstruções do passado dos imigrantes, por meio da Festa da Polenta, são propostas de produções do lugar e se transformam de acordo com a disposição dos discursos das forças de domínio político e econômico. Nesse caso, a produção cultural italiana, pelo domínio dos seus descendentes, dois séculos depois, dos primeiros estabelecimentos na região. É feita a transferência de objetos, lugares e significados que unem esta parcela de participantes/ajudantes, em torno da Festa da Polenta. Sendo que, os lugares representam um lugar de memória (NORA, 1993), como legado dos *nonnos* e *nonnas*, a partir da reconstrução do ambiente interno da casa (a cozinha), um espaço privado, um espaço privado.

Entende-se que, a partir desse espaço privado, o grupo dos descendentes de italianos passou a dominar os fazeres sociais e até mesmo a noção de cidadania. Tal, principalmente, no quesito emancipação do município, com a constituição da nomenclatura Venda Nova do Imigrante.

Em Venda Nova do Imigrante veem-se dois grupos distintos: concordantes e discordantes, com a realização do evento. O grupo discordante é composto de pessoas que não aderem à Festa da Polenta, mas se fazem, politicamente, presentes, por, justamente, não concordarem com a interferência desta na vida cotidiana do município. Esse grupo alega que a comunidade identificada com a cultura imigrante, da península Itálica, não é o único grupo da cidade; não fazendo sentido a comunidade geral ser representada como italiana.

O grupo que está de acordo com a Festa se faz constituído pelos participantes/ajudantes, presentes, não só no quesito cultural, mas, também, no político, universalizando a cidade em torno da cultura que, até 36 anos atrás, estava restrita à casa das famílias de descendentes de italianos. Este grupo, com o poder de fazer e ser político, do padre Cleto Caliman, transformou a cidade, em um *lócus* da italianidade, a partir da realização anual da Festa que, hoje, identifica a cidade.

A Festa da Polenta é marcada pela reprodução dos espaços de uma propriedade rural, do século XIX, sendo a marca deste o Paiol do *Nonno* e a Casa da *Nonna*, onde são reproduzidas atividades da fazenda. Trata-se de duas estruturas construídas, no Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, chamado popularmente de “Polentão”.

A instalação destes espaços da Festa teve como princípio criar novas alternativas de atrações turísticas para o evento. Porém, sua instalação partiu de uma iniciativa comunitária de representar o passado dos pioneiros, embasados no princípio da divisão por gênero do trabalho, comum nas comunidades italianas brasileiras.

Na prática, identificam-se os simbolismos de uma época passada e os seus reflexos, na contemporaneidade. Observa-se um caminho que imprimiu marcas na história de uma comunidade, fazendo com que os espaços de convivência diária, na época dos imigrantes pioneiros, se estabelecessem como um espaço de memória, hoje, na Festa.

A Casa da *Nonna* e o Paiol do *Nonno* se dispõem como lugares que ultrapassam a memória individual e se afirmam como a memória coletiva de uma comunidade – que é ligada às atividades desenvolvidas, na cozinha, dentro da casa da *nonna* – e às atividades agrícolas, exercidas pelos agricultores locais. Assim, tem-se a exposição de valores e regras comunitárias que são hierarquizadas, dos mais velhos para os mais jovens, em sentido vertical. Nesse conjunto, cada sujeito do processo tem a sua função, dentro da Festa da Polenta, que segue, em tese, a sua ocupação social, bem como a divisão de gênero presente no trabalho. Essa divisão atravessa gerações pela importante função que a mulher tem como matriarca.

A Festa tem como ponto de transição, para o passado, os hábitos trazidos, tanto da casa da *nonna*, quanto do paiol do *nonno*, com atrativos como caldo de cana, café melaço e outros produtos bem típicos da zona rural. O intuito, nesses dois locais é

reproduzir o passado carregado de intenções e sentimentos históricos, mostrando como o trabalho é importante para a formação do passado histórico de uma determinada comunidade. A cozinha e o paiol constituem os domínios históricos nos quais cada gênero colocava em prática os seus conhecimentos e saberes tradicionais, formando, assim, um ensinamento familiar e geracional, partindo da comida, em especial, da polenta.

A memória torna-se, portanto, um exercício praticado por todos aqueles que exercem a memória coletiva, através do trabalho, na Festa, porque afirmam ser uma tradição aprendida com os pais, avós e outros parentes, desde a mais tenra infância. Os lugares, dessa forma, são atributos de memória e manutenção, explorados pelos viventes, na região: *nonnas*, executando um tipo de trabalho; *nonnos*, um outro; e jovens, um terceiro grupo, conforme as atribuições, no passado imigratório. Havia uma clara divisão social por meio do trabalho e das funções domésticas, observadas por meio da reprodução e produção de cultura, o que se presencia, na Festa da Polenta, como uma forma de representação.

Neste ambiente é relembrada a casa de fazenda, do século XIX, que abrigava os pioneiros imigrantes. Significa uma permanência histórica, sendo um lugar construído com base na memória local, mas que, também, desperta a memória naqueles que entram no recinto. O aspecto mais importante deste lugar é a arquitetura, para que se promova um lugar de memória, uma vez que o anfitrião da festa, chamado de voluntário, pretende mostrar ao turista como era a vida cotidiana de seus antepassados, em especial, as privações que eles enfrentaram.

Constitui-se, assim, o que Yates (2007) destaca como um sistema de memória. O fogão a lenha tem um papel na memória e na realização da Festa de Venda Nova do Imigrante. Ele reacende o passado de duas maneiras: uma, quando reestabelece a memória daquilo que um dia foi parte do presente, e outra, que é a demonstração masculina de força social na manutenção de hábitos que mantinham a mulher como submissa. Cabe ressaltar que a história das *nonnas* acaba sendo contada de uma forma na qual se pode perceber a presença de clivagem, uma divisão masculina da memória, na qual, até mesmo nas histórias em que homens não são protagonistas, ganham um espaço e notoriedade maiores.

A história se faz neste lugar por meio de lembranças dos hábitos de outrora, que continuam a fazer parte da vida cotidiana dos sujeitos envolvidos na construção da

Festa, e até mesmo na construção da cozinha e do paiol como estruturas físicas. As memórias se multiplicam enquanto um anseio do grupo social, traduzido em formas de testemunhos e montagens de um pensamento articulado em dois eixos: o da família e o do papel social expresso nas lembranças.

A chamada Casa da *Nonna* é um lugar onde são as mulheres, sobretudo as idosas, que ditam as regras de funcionamento antes, durante e depois da Festa, estabelecendo um critério hierárquico de medidas, que existe, também, no ambiente doméstico, e que se encontra representado, no festejo. O que aproxima os sujeitos históricos são as lembranças que a cozinha deflagra, seja pelos seus aromas e sabores; ou mesmo, pela decoração do ambiente, que reproduz uma cozinha do século XIX, de maneira proposital. A disposição dos objetos segue a mesma lógica. As mulheres mais novas encontram o seu espaço abaixo das mais velhas, a hierarquia segue para todos os setores envolvidos na montagem dos aparatos para a demonstração do funcionamento da casa, do século XIX, aos visitantes do Centro de Eventos.

A disposição dos ambientes recriados, no “Polentão”, é uma alusão à fazenda de tempos remotos, à exceção da panela gigante, na qual é feita a polenta para uma grande quantidade de pessoas. A cozinha pode ser categorizada, então, de duas maneiras: como reprodutora do passado e como cozinha industrial, que produz a maioria dos alimentos servidos na festa, reforçando o caráter de reprodutores da memória, do século XIX e, ao mesmo tempo, os realizadores do presente. A cozinha moderna funciona para atender as demandas da atualidade - de agilidade e quantidade -, em paralelo, com a reprodução da cozinha antiga, movida a lenha, na qual a pressa não reina soberana.

Assim sendo, o domínio do feminino ainda se encontra atrelado às demandas presentes nos modelos familiares. Organiza-se uma hierarquização memorial, tanto das recordações da Festa, no passado, quanto no presente, de modo que o imaginário se estabelece pela ligação entre estes dois tempos, moldando as práticas sociais.

A exclusividade do trabalho masculino associado ao paiol parte da memória dos acontecimentos, quando na ocupação da terra, cabia aos homens, o papel de provedores, mesmo que este seja discutível, na atualidade. Esta ideia masculina é transferida para toda a estrutura que envolve o evento: equipes somente com



homens, em atividades ligadas, principalmente, com a lida do campo e da cidade, para abastecimento de comida, bebida e outros produtos necessários para a produção da Festa.

A divisão social do trabalho por meio do sexo acaba por ser perpetuada na medida em que os *nonnos* (chamados de “testardi”- teimoso em italiano), mantêm-se à frente da organização, em sua estrutura administrativa. A dita teimosia pode ser interpretada pela manutenção dos lugares sociais que os sujeitos envolvidos no processo não pretendem deixar. É notável um sistema de memória no qual os homens se colocam como os produtores das imagens e implicações nas quais a Festa está baseada. Sua formulação é, pois, masculina.

A ideia de *nonno* como patriarca da família é outra característica deste lugar, porque a memória traz a ideia de um sujeito que toma conta das formulações e elaborações da história. Por conseguinte, trata-se de um ambiente de reprodução do passado. Produz-se um lugar de memória onde tudo é fruto de uma fixação, entre passado e presente, é o entrecruzamento do poder simbólico que as palavras homem e mulher têm, em relação à história local.

A tradição da memória exercitada, tal como aponta Ricouer (2007), é um ponto muito importante para essa comunidade, uma vez que ela é colocada em prática todas as vezes que se monta o espaço do paiol, para serem servidos alguns quitutes da festa e representar a fazenda de outrora. Mas, é interessante observar que é, também, o local onde se vendem produtos típicos de uma fazenda, para os visitantes atuais. Verifica-se, dessa forma, a presença de uma memória coletiva de longa duração, expressa por meio das representações coletivas apresentadas em espaços alusivos à imigração italiana, que estão presentes, na Festa, do hoje.

Convém salientar que, não se pretende, no caso dos habitantes, garantir o rigor da historicidade – de fato, tudo é pautado no conhecimento tradicional, nos relatos e decisões primárias dos mais velhos e, posteriormente, na voz ativa dos jovens. A identidade do grupo pode ser entendida mediante as buscas pelo passado que estes sujeitos fazem, em função de resguardar a memória dos seus antepassados. A dança acaba por ser mais uma linguagem para contar o passado à luz do presente, uma vez que se apropriam de elementos da Itália contemporânea, por meio de seus cantores populares, para retratar um passado no qual essa região nem existia. Assim, montavam uma cronologia invertida e representada da história, evidenciando

quão particular é essa comunidade, de tal modo que a dança acaba por funcionar, para as pessoas deste lugar, como um signo, uma fala, a narrativa atualizada do ontem.

A cozinha e o paiol se configuram como os locais onde se fazem presentes as continuidades dos costumes de divisão do trabalho de outrora, mesmo que seja feito dentro de um local do presente, com características atuais, mas carregado de simbolismos do ontem. Da mesma forma é possível fazer uma relação entre as formas de trabalho pioneiras, conduzindo à ideia de que o presente busca resgatar as histórias do passado, para poder montar a história que ainda está para ser escrita. Enfim, percebe-se que a Festa traz à luz o legado de uma cultura, no trabalho, nas atividades programadas e nos ambientes retratados, nos quais os costumes tradicionais italianos continuam vivos e contínuos, pois a cidade consolidou uma identidade por meio da Festa.

O ambiente retratado na Festa da Polenta remete os participantes às reuniões, na casa dos *nonnos*, e na lida com a terra. São lugares de recordação semelhante aos construídos pelos imigrantes italianos, no passado. Há de se ressaltar que, em Venda Nova, os depoentes são unânimes em afirmar que *nonnos* e *nonnas* ocupam os mesmos lugares de decisão que ocupavam no passado, repassando essa tradição às gerações mais novas. Contudo, as construções são uma realocação de lugares históricos, utilizando os elementos do presente.

A recriação do ambiente é derivada das captações políticas que o grupo de dirigentes da Associação fazem, de modo que a montagem do festejo, ao longo do ano, esteja ligada aos ensejos da camada que domina politicamente a cidade. Principalmente, com as interações entre a Prefeitura e a comunidade, no festejo, por meio do patrocínio financeiro e da cessão do local para ser realizado o evento nos moldes atuais.

O sentir-se italiano é, na prática, a manutenção de uma parcela da população, no poder que se expressa por meios políticos e culturais. Contudo, representa a hegemonia, por parte do grupo de participantes/ajudantes, que organizam a Festa e retiram outros tipos de dividendos da agricultura e do agroturismo, utilizando-se da Festa como retro alimentador dos negócios pessoais. O que, entretanto, não tira a marca da historicidade e a representação da italianidade que a perpassam, nos dias atuais.

Tratando-se da Festa da Polenta de forma específica, visualiza-se um campo de análise histórica, que opera em duas frentes: a compreensão da realidade de uma cidade, cuja maior riqueza é agrícola, pelo resgate do seu processo de formação; e a identitária, que resgata a tradição de imigrantes italianos e dos seus descendentes.

Diante disso, torna-se claro como o agroturismo que, inicialmente, era uma alternativa para a baixa de preços, passou a ser um produto de primeira linha para esta região, transformando o lugar e resgatando a cultura do campo tradicional. O café passou a ser beneficiado na região, agregando-se valor econômico ao produto, entre outras medidas de fomento, que trouxeram novas perspectivas econômicas ao lugar. A modernização do modo de produção agregou valor à comunidade em questão.

Por outro lado, a realização da Festa da Polenta, que consolida esse processo, fundamenta-se nas tradições dos imigrantes italianos que se instalaram, na região, no final do século XIX. Essas tradições são representadas e inovadas pelos seus descendentes, antes e durante o festejo, com a adesão de parte dos cidadãos de Venda Nova do Imigrante. O passado acabou por iluminar o presente, porque a reprodução das atividades do passado se tornou fonte de renda no presente, sendo o trabalho primitivo resgatado não só pela tradição, mas pelas atividades, que geram a fonte de renda para a localidade. O habitante que não está ligado a terra por meio de um passado imigrante de pioneirismo, ficou ligado a terra por circunstâncias fora do seu controle, como a sua própria localização em terras destinadas aos imigrantes.

As maneiras práticas como a colonização brasileira se desenvolveu culminaram na forma como o trabalho por vezes é organizado, principalmente, quando é mantida uma forma que remete às origens dos ocupantes da terra, como se verifica na Festa da Polenta. O modelo de trabalho familiar, que se desenvolveu em mais de uma área de ocupação colonial, não é uma exclusividade de Venda Nova; o que confere ao município uma categoria própria é a forma como esta transformação deu origem à participação popular, na Festa da Polenta. Esse modelo tem por objetivo claro reproduzir as relações de trabalho de outrora, sendo que o fato de existir o trabalho voluntário é, na verdade, o sistema de parcerias aplicado sem compromisso de obter lucro particular.

As falas, os gestos, a cultura privada e coletiva são objetos de leitura da história do imaginário, e esta se preocupa em contar a história do presente que se estabelece, por meio da transformação do passado. Uma comunidade se define, então, por meio de uma cultura própria local, com elementos únicos, particulares, que a tornam peculiar. O trabalho dos descendentes de italianos, neste caso, ganha papel principal, porque é a ressignificação do seu passado histórico.

O trabalho na agricultura e em atividades a ela associadas torna-se um objeto de debate, porque é um elemento de coesão e transformação na comunidade. Se no princípio havia a ajuda mútua, por razões de dificuldade ligadas ao cultivo da terra, hoje, é retratada esta vivência por meio das atividades da Festa. O trabalho diário era uma verdadeira epopeia, pois, uma vez que para estes imigrantes tinham acesso à terra, deveriam abrir caminho pela mata fechada. Hoje, cabe a estes, recontar as histórias individuais e coletivas de *nonnos* e *nonnas*, resgatando o passado por meio do presente, com formas de trabalho, sons (música), sabores e atividades folclóricas. O passado dos pioneiros se confunde com as histórias familiares, é o privado que invade o coletivo e vice-versa. Todos recordam o passado para manter viva uma tradição de trocas coletivas, atribuídas aos antepassados.

A Festa da Polenta tal como se realiza, atualmente, é a síntese da transformação do passado, por meio do trabalho para essa comunidade. O trabalho, no campo, e na festa é recheado de simbolismo, tanto no aspecto tradicional, quanto pessoal. Participar do trabalho do campo, na colheita do milho é um sinal de privilégio muito valorizado.

Neste sentido, há um dinamismo da história se concretizando, que, na junção entre o passado e o presente, mostra como os costumes, em torno dos processos solidários, continuam a existir. Mesmo que, condensados em uma Festa e restritos, a dois fins de semana, por ano. É nesse contexto, de marcas profundas, no processo de imigração no Espírito Santo, e em Venda Nova do Imigrante, que a Festa da Polenta se insere como demarcador de temporalidade e resgate de uma cultura que, outrora, fizera parte da realidade dos imigrantes.

## 6 REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral: uso e abuso**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ALFREDO CHAVES. Dados gerais. Disponível em:  
<[http://www.alfredochaves.es.gov.br/materia\\_especifica/6504/Dados-Gerais](http://www.alfredochaves.es.gov.br/materia_especifica/6504/Dados-Gerais)>  
Acesso em: 11 out. 14.

APEES. **Relatório do cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória: o estado do Espírito Santo e a imigração italiana**. (fevereiro de 1895).

BARALDI, C. B. F. **Migrações internacionais, direitos humanos e cidadania sul-americana: o prisma do Brasil e da integração sul-americana**. 2014. Tese doutorado – Instituto de Relações Internacionais, USP, São Paulo, 2014.

BENEDUZI, L. F. **Os fios da nostalgia: perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

BERTONHA, J. F. **Os Italianos**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto Lei 528 de 1890**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em:  
[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html). Acesso em: 10 mai.14.

BRAUDEL, F. **Escritos sobre história**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUSATTO, L. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo**. Estação Capixaba: Portal de Cultura Capixaba. Disponível em:  
<<http://www.estacaocapixaba.com.br/temas/imigracao/estudos-sobre-imigracao-italiana-no-espírito-santo/2/>> Acesso em: 26 nov. 14

CARVALHO, G. Vitória de Dionísio: festa, tradição e mercado. In: RUBIM, L. MIRANDA, N. (Org). **Estudos da festa**. Salvador, BA: EDUFBA, 2012. p. 33-49.

DA MATTA, R. **A casa & a rua**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEMO, P. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DADALTO, M. C. **A imigração tece a cidade: polo industrial de Colatina**. Vitória, ES: Cultural & Edições Tertúlia, 2009.

\_\_\_\_\_. **Rede solidária: arranjos produtivos ítalo-brasileiros**. Vitória, ES: Santonio, 2005.

CALIMAN, N. F. **Uma Itália que não existe na Itália: tradição e modernidade em**

Venda Nova do Imigrante – ES. 2009.148f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória – ES, 2009.

CÂMARA DE VEREADORES DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. (Espírito Santo). **Histórico**. Disponível em: <<http://www.camaravni.es.gov.br/origem.asp>>. Acesso em: 13 jan. 15.

CENNI, F. **Italianos no Brasil**. 3. ed. São Paulo, SP. Edusp. 2003.

CASTIGLIONI, A. H. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. Vitória, ES: Edufes, 1998.

CASTIGLIONI, A. H.; REGINATO, M. **Imigração italiana no Espírito Santo: o banco de dados**. Vitória, ES: Companhia Siderúrgica de Tubarão/ UNIMED do Espírito Santo, 1997.

FRANCESCHETTO, C. **Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. / Cilmar Franceschetto. — Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. (Coleção Canaã, v. 20; Imigrantes Espírito Santo, v.1)

FRANZINA, E. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

FERRETI, S. F. Estudos sobre festas religiosas populares. In: RUBIM, L. MIRANDA, N. (Orgs). **Estudos da festa**. Salvador, BA: EDUFBA, 2012. p. 17-32.

GREABIN, C. M. G.; VIEGAS, D. H. Por uma história rizomática: apontamentos teórico-metodológicos sobre a prática de uma cartografia. **Revista História**, Goiânia, v. 17, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article>>. Acesso em: 23 fev. 15.

GROSSELLI, R. M. **Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900** /Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008 – (Coleção Canaã, v.6)

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2009.

HOBBSAWM, E. **A invenção da tradição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, S. B. **Visão do paraíso**. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil (1958). Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN. **Diagnóstico sócio-econômico do município de Venda Nova do Imigrante - ES**. Vitória, janeiro de 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mitológicas I – o cru e o cozido**. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 2004.

MEIHY, J. C. S. B. Desafios da história oral latino-americana: o caso Brasil. In:

FERREIRA, M. M. (Org.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

NOBREGA, Z. A festa do maior São João do mundo. In: RUBIM, L. MIRANDA, N. (Orgs). **Estudos da festa**. Salvador, BA: EDUFBA, 2012. p. 217-243.

NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP, 1993.

O HOMEM que amava viagens e a cultura. **Folha da Polenta**. Venda Nova do Imigrante, ES. out. 2014. Edição especial para a 36ª festa da Polenta. Editora Folha da Terra.

PEREIRA, S. M. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres**. 2008. Tese doutorado – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, 2008.

PEREZ, L. F. A Antropologia das efervescências coletivas. In: Passos, M. (Org.) **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RICOUER, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROCHA, G. **Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896**. Vitória: [s.n.], 1984.

SAHLINS, M. **História e cultura: Apologias a Tucídides**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

SALETTI, N. **Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização no Espírito Santo**. 2 ed. rev. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2011 – (Coleção Canaã, v.13).

SCOTTO, A. *Il privato sociale nelle politiche migratorie degli enti locali in Italia In: **Meno immigrati c'è crisi, "il manifesto"**, 12 dicembre 2011.*

SEVERINO, J. R. **Festa e imigração: algumas observações sobre pertencimento no sul do Brasil**. In: RUBIM, L. MIRANDA, N. (Orgs.). **Estudos da festa**. Salvador, BA: EDUFBA, 2012. p. 163-182.

TINHORÃO, J. R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel: Istituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

YATES, F A. **A arte da memória**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007.

## **Entrevistas**

Augusto – 26 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2014.

Claudio – 35 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2014.

Flávia – 30 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2013.

Francesca – 30 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2014.

Giulia – 27 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2013.

Luigi – 32 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2013.

Marco – 50 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2014.

Nelson – 28 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2014.

Paola – 23 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2014.

Ricardo – 26 anos. Depoimento Venda Nova do Imigrante, ES – áudio digital, 2013.



## 7 BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, B. R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHOLAZZI, R. A. **Os italianos no noroeste fluminense**: estratégias familiares e mobilidade social 1897-1950. Rio de Janeiro: Guaramond, 2013.

BERTONHA, J. F. Le rappresentazioni degli Italiani in Brasile centocinquanta anni di immagini, stereotipi e contraddizioni. **Diacronie** – studi di storia contemporanea. n. 5/1/ 2011. Disponível em: <www.diacronie.it>. Acesso em: 17 mar 15.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. 6. ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FELIN, S. Quarta colônia: identidade, fundação, costumes e tradições de Vale Vêneto. **Revista Latino-Americana de história**. São Leopoldo, RS, agosto de 2013, Volume 2, n.6, Edição Especial.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAULA, S.P. **Fazenda do centro**: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo; Castelo: Instituto Frei Manuel Simón, 2013.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. 2. ed. . Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SCHWARCZ, L. M. Tempo, historicidade e história ou a falta dela. **Revista brasileira de psicanálise**. Volume 47, n.2, p.123-136, 2013.

\_\_\_\_\_. **O império em procissão**: ritos e símbolos do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Org.) **Arquivos pessoais:** reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

VILAÇA, A.; DADALTO, M. C. **Coração de imigrante:** depoimentos de imigrantes italianos e descendentes. Vitória, ES: Cultural e Edições Tertúlia, 2008.

VISCARDI, C. M. R.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **História oral:** teoria, educação e sociedade. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2006.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.